

CURSO DE LETRAS

Rosimeri Inês Hochscheid

**RELAÇÕES TRANSTEXTUAIS, HARRY POTTER E “O CONTO DOS TRÊS
IRMÃOS”, UMA HIPÓTESE, UMA INVESTIGAÇÃO**

Santa Cruz do Sul

2016

Rosimeri Inês Hochscheid

**RELAÇÕES TRANSTEXTUAIS, HARRY POTTER E “O CONTO DOS TRÊS
IRMÃOS”, UMA HIPÓTESE, UMA INVESTIGAÇÃO**

**Monografia apresentada ao Curso de Letras da
Universidade de Santa Cruz do Sul como tarefa integrante
do currículo normal do curso.**

Orientador: Prof. Ana Cláudia Munari Domingos

Santa Cruz do Sul
2016

AGRADECIMENTOS

À minha família, que por seis anos caminhou comigo nesta graduação. Meu pai imensamente parceiro e minha mãe sempre apoiadora. Que sintam por mim o mesmo orgulho que sinto por eles. Minha irmã, parceira e ombro amigo em absolutamente todos os momentos.

O mais absoluto e mágico agradecimento à minha mestre orientadora Ana Munari, por lapidar uma pedra e transformá-la em um pequeno diamante. Com certeza, sem teu apoio este trabalho não teria sido tão emocionante, nosso tema em comum deixou-o assim, mais mágico. Tu foste à luz que me lembrei de acender nas horas mais sombrias.

Aos amigos maravilhosos que tenho e que me ajudaram nas horas mais loucas e mais insanas. Arrisco a citar nomes, mesmo correndo o risco de pecar e esquecer quem foi importante; à Helena, com suas palavras de incentivo doces e otimistas; à Paula, a quem recorri tantas vezes em busca de auxílio e sugestões; à Sandra, que por me apoiar e também pelas palavras de incentivo; e à Roseli, com quem pude dividir meus sorrisos, choros, medos e alegrias. Assim como Dobby, o elfo, também estou muito feliz de estar com meus amigos.

E por que não agradecer a autora J.K. Rowling pelo tema, pelos personagens e por mostrar que são as nossas escolhas, mais do que as nossas capacidades, que mostram quem realmente somos?

Enfim, obrigada, Deus, por não permitir que eu desistisse e me guiar por todos estes anos. Obrigada por me rodear de pessoas maravilhosas. Amigos e família, consegui, conseguimos.

RESUMO

Propomos, através do presente trabalho monográfico, uma investigação entre os personagens do conto “O conto dos três irmãos” e os protagonistas de *Harry Potter*. Partindo de uma visão ampla do campo onde nosso objeto se insere, conceituamos e analisamos as literaturas juvenil, fantástica, estranha e maravilhosa, para, em seguida, apresentar as relações transtextuais descritas por Genette (2003) o metatexto, o hipertexto, o paratexto, o arquiteito e o intertexto. A partir do intertexto, evoluímos para o conto, onde associamos os quatro personagens com alguns dos personagens de *Harry Potter*. Através de trechos pertinentes, realizamos uma comparação entre os protagonistas.

Palavras-chave: Literatura. Genette. Intertextualidade. Harry Potter.

RESUMEN

Propusimos, a través del presente trabajo monográfico, una investigación entre los personajes del cuento Los tres hermanos y los protagonistas de *Harry Potter*. Partiendo de una visión amplia del campo donde nuestro objeto se insiere, conceptuamos y analizamos las literaturas juvenil, fantástica, extraña u maravillosa, para después presentar las relaciones transtextuales descritas por Genette (2003) el metatexto, el hipertexto, el paratexto, el arquiteito y el intertexto. A partir del intertexto, evolucionamos para el cuento, donde asociamos los cuatro personajes con algunos personajes de *Harry Potter*. A través de extractos relevantes, realizamos una comparación entre los personajes.

Palabras clave: Literatura. Genette. Intertextualidade. Harry Potter.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 A LITERATURA JUVENIL ENTRE O FANTÁSTICO E O MARAVILHOSO	8
2.1 Harry Potter e a literatura juvenil.....	8
2.2 Entre o fantástico e o maravilhoso.....	12
2.3 Resumo da saga.....	15
3 RELAÇÕES ENTRE TEXTOS	24
3.1 Relações transtextuais	24
3.2 Intertextualidade	26
4 A SAGA E UM LIVRO DE CONTOS	31
4.1 Os contos de Beedle, o bardo	31
4.2 Harry Potter em “O conto dos três irmãos”	35
5 CONCLUSÃO.....	44
REFERÊNCIAS	47

1 INTRODUÇÃO

“Conquistar leitores não é uma tarefa fácil”. Faço das palavras de Ana Cláudia Munari Domingos, minha orientadora, as minhas. Confirmo e reforço essa frase no meu atual emprego de bibliotecária. Por trabalhar em uma escola que atende 330 alunos, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, é possível concordar com a sentença.

Mas se conquistar ou despertar o interesse de um leitor é tão difícil, o que cativou os milhares de fãs – dentre os quais eu me incluo – espalhados no mundo pela famosa saga *Harry Potter*?

Harry Potter surgiu em minha vida por volta do ano 2000, quando ainda estava cursando o Ensino Fundamental, na 6ª ou 7ª série, em uma aula da qual não lembro, através do filme *Harry Potter e a pedra filosofal*, história que mais tarde eu devoraria por meio das páginas. Assim como os outros seis livros. Recordo que aguardava semanas na lista de espera da Biblioteca Pública Municipal para ter em mãos os exemplares, que já não estavam mais em boas condições devido ao manuseio dos leitores anteriores a mim.

Curioso que eu não tenha lido nenhum livro literário desse gênero nem antes nem depois de *Harry Potter*? Talvez. O que sei é que não haveria tema mais provocante e prazeroso para esta monografia.

J.K. Rowling me presenteou com uma história inspiradora. A narrativa dividida em apenas sete volumes provoca tamanha curiosidade no leitor que parece impossível ler pausadamente, só mais um ponto final, só mais uma frase, só mais esta página, só mais este capítulo.

O sucesso da saga foi tamanho que Rowling publicou mais três livros relacionados à história ficcional, sob pseudônimos diferentes. Além disso, a autora publica histórias e curiosidades em seu *site* oficial, o *Pottermore*, assim como responde ao carinho dos fãs em seu perfil no *Twitter*.

Um destes livros lançados posteriormente é *Os contos de Beedle, o bardo*, assinado por Beedle, o bardo, uma belíssima coletânea de contos para crianças bruxas, e que tem a intenção de transmitir ensinamentos.

Outro exemplar é *Quadribol através dos séculos*, sob o pseudônimo de Kennilworthy Whisp. A obra conta como surgiu o esporte, o uso da vassoura – que deixou de servir apenas para locomoção e foi inserida no esporte –, as regras do jogo, os principais times, entre outras curiosidades.

O terceiro, *Animais fantásticos e onde habitam*, de Newt Scamander, é um guia para que os bruxos saibam quais animais são perigosos e como combatê-los. Em 2013, Rowling anunciou sua estreia como roteirista do filme baseado no livro, que está com o lançamento previsto para novembro de 2016.

Neste trabalho de conclusão, *Os contos de Beedle, o bardo* será o eixo do estudo, mais especificamente *O conto dos três irmãos*, última narrativa do livro. E chamo de eixo, pois a análise partirá desta história, sobre três irmãos que tentam atravessar uma ponte e são surpreendidos pela Morte. No decorrer da fábula, vamos percebendo que cada um dos irmãos possui características, desejos e pensamentos muito parecidos com os dos protagonistas da saga *Harry Potter*.

O irmão mais velho, ávido por poder e que deseja ser o maior e mais poderoso bruxo nos lembra Voldemort, o vilão dos livros da série. O irmão do meio, desesperado para ter sua amada de volta, pois esta já não estava mais entre os vivos, é tal como Severo Snape, o professor de Poções. O mais novo dos irmãos é caracterizado pela humildade, assim como o próprio Harry Potter. E a Morte, sábia e perspicaz, possui características do diretor de Hogwarts, Alvo Dumbledore.

Em um primeiro momento, analisarei de que forma a saga *Harry Potter*, criada por J.K. Rowling, inova ao criar uma história que se enquadra entre o fantástico e o maravilhoso. E por que *Harry Potter* é classificado como literatura juvenil, apesar de ter encantado leitores de todas as idades.

No capítulo seguinte, trago algumas noções sobre as relações transtextuais, ou relações entre textos, sendo elas a paratextualidade, a metatextualidade, a hipertextualidade, a arquitextualidade e a intertextualidade. Está na intertextualidade a principal relação entre a saga e o livro de contos.

Já no último capítulo conheceremos as parábolas presentes no livro *Os contos de Beedle, o bardo*; e, finalmente, é tecida a comparação entre os personagens da narrativa *Harry Potter* e do conto. Essa relação, embora um elemento importante da história, parece ter passado despercebida pela maioria dos leitores.

Esta monografia se insere na linha de pesquisa “Processos narrativos, comunicacionais e poéticos”, do Departamento de Letras da UNISC, cujo objetivo é construir sentido através da interpretação textual, buscando conhecer os elementos e processos da narrativa e suas respectivas funções.

2 A LITERATURA JUVENIL ENTRE O FANTÁSTICO E O MARAVILHOSO

Ao falarmos de literatura juvenil, logo pensamos que seja o gênero destinado aos jovens e adolescentes. De certa forma é isso; *Harry Potter*, por exemplo, foi assim classificado por ser voltado ao leitor juvenil, em vista de que o protagonista é um jovem e, ainda, por seus temas, por exemplo, a história se passar na escola. Mas a narrativa de *Harry Potter* extrapolou os limites do segmento, provando que diferentes faixas etárias poderiam se identificar com esse gênero literário.

A série foi, assim, uma narrativa inicialmente pensada e escrita para um leitor infanto-juvenil, mas encantou também o público adulto. A história que cambia entre fantástico, estranho, maravilhoso e até conto de fadas, através de elementos que o leitor percebe no decorrer da leitura, é instigante, pois provoca curiosidade e identificação com o herói.

2.1 Harry Potter e a literatura juvenil

A literatura juvenil não existiu sempre, foi evoluindo e se encaixando com o passar dos anos entre a literatura infantil e a literatura adulta, para atender a um leitor específico descoberto pela escola e pela psicologia. Muitas vezes o gênero é confundido com a literatura de massa por sua linguagem mais acessível e seus temas, mas eles guardam características diferentes – que não serão discutidas aqui.

Nos tempos antigos, em algumas sociedades, o ser humano era considerado adulto após enfrentar rituais de passagem que, dependendo da sociedade em que vivia, podiam ser muito violentos. Estes rituais aconteciam quando o indivíduo possuía condições físicas, idade e competências para poder interagir no meio ambiente social, ou seja, a transição era de criança para adulto, sem a adolescência.

Com o tempo se foi percebendo que esta transição criança/adulto revelava um novo período, e que viver esse período era importante para a construção e o desenvolvimento da pessoa. Nessa época, a literatura infantil já era presença constante nas escolas, pois o livro infantil, desde sua origem, foi utilizado como suporte para a alfabetização e a formação de leitores.

A cada década se difundiam novas considerações sobre o período que se passou a chamar de adolescência, a partir das transformações sociais. Por exemplo, quando o mundo vive e presencia a Segunda Guerra Mundial, de acordo com José Nicolau Gregorin Filho (2011):

Foi nesse cenário que se deu a verdadeira expansão da literatura em quadrinhos, com seus super-heróis, suas séries detetivescas e aventuras, que foram o resultado da fusão entre o maravilhoso e a ciência. A produção textual passava do tom humorístico inicial para batalhas formidáveis com super-heróis. (FILHO, 2011, p. 34)

Aqui no Brasil, em 1968, com a criação da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, iniciou-se uma discussão sobre o gênero, gerando uma divisão entre os temas que cada literatura abordaria, assim como influenciando no crescimento do setor editorial para a infância e a juventude. Mas é só na década de 80 que os autores começaram a abordar temáticas do cotidiano, como desigualdade e violência. Em 13 de julho de 1990, com a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente, passou-se a considerar “criança” o indivíduo com até doze anos, e “adolescente”, entre doze e dezoito anos.

Com a divisão das literaturas infantis e juvenis, as histórias mudaram e se caracterizaram de diferentes formas, obedecendo às capacidades cognitivas, aos gostos e aos interesses de cada uma dessas fases. A literatura juvenil passou a agregar obras de aventura, policial, suspense e também o fantástico, pois, como sugere Filho (2011, p. 35), nessa literatura “a representação do homem era dotada de grandes poderes sobrenaturais, que construíam um super-herói”. Esse fantástico é muito próximo da série *Harry Potter*, que também envolve a capacidade de os homens não apenas se insurgirem contra forças do mal, mas se mostrarem capazes de vencê-las com seus poderes.

A saga escrita por J.K. Rowling foi lida – e ainda é – por um público bastante amplo, mas a série foi inicialmente destinada às crianças e aos adolescentes. Isso é muito característico não apenas pela temática do maravilhoso e do enredo que envolve a escola, mas, sobretudo, porque o protagonista é um adolescente, causando identificação nos leitores jovens. De acordo com Silvia Borelli e João Freire Filho (2008), *Harry Potter e a pedra filosofal* (2000), *Harry Potter e a câmara secreta* (2000) e *Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban* (2000) tiveram maior venda para a juventude. Já os quatro livros seguintes: *Harry Potter e o cálice de fogo* (2001), *Harry Potter e a ordem da fênix* (2003), *Harry Potter e o enigma do príncipe* (2005) e *Harry Potter e as relíquias da morte* (2007), cativaram inclusive o público adulto – porque, com o crescimento da personagem, o drama se tornou mais complexo, incluindo, por exemplo, a construção da identidade.

Pesquisas divergem sobre os motivos que levaram o público a ser atraído pela saga. O professor Luis Augusto Fischer defende a ideia de que o conteúdo temático da narrativa, cheio de suspense, ancorado em um tempo ancestral, repleto de lendas, sabedoria milenar e mitologias, foi um fator que impeliu à leitura. Já outros autores colocam o principal motivo na figura da criança infeliz, o protagonista Harry Potter, além de sua trajetória exemplar. Adultos, no seu instinto de proteção, tendem a se sentir penalizados com a situação imposta à criança fraca, inocente e indefesa, fazendo aflorar sentimentos de emoção e comoção.

Harry está vivendo uma jornada sensacional, que começa na morte dos pais, do mundo infantil, da inocência, e acolhe a nova etapa, do amor, da ciência, da vida madura enfim. Dualidades, ambiguidades, tensões misturadas, apreensões, tudo isso o leitor compartilha com o herói literário inventado sabiamente por uma mulher que entende e respeita a condição humana do pequeno leitor. E do grande também. (FISCHER, 2004)¹

Ainda outros garantem que é porque a autora aborda temas e desejos da infância. É difícil cativar um leitor, ainda mais quando criança, quando qualquer brinquedo eletrônico, que entrega prontas as imagens e os sons, se torna mais interessante. A fantasia ativa a curiosidade adormecida e instiga a fuga do mundo real. Quem não se imagina num castelo em que as escadas mudam de lugar? Quem não gostaria de estudar na escola mais segura e que guarda um monstro terrível no subsolo? Quem não gostaria de voar em vassouras? Fazer coisas acontecerem com uma sacudida de varinha?

Rowling foi bastante genial e audaciosa ao abolir totalmente o uso das modernas tecnologias de nosso mundo – a saga foi escrita entre os anos de 1994 e 2007 – quando pensamos que ela justamente escreveu para os jovens contemporâneos. Meios de locomoção? Trem, vassouras, Pó de Flú e, caso o bruxo tivesse 17 anos e não estivesse nos terrenos de Hogwarts, um Feitiço de Desaparatar. Meios de comunicação? Corujas. Meios de pesquisa? A biblioteca.

Como um romance juvenil, *Harry Potter* também apresenta situações e dramas que atendem às expectativas de adultos:

Rowling aborda temas que são importantes para as crianças: a passagem para a idade adulta, escola, amizade, bons e maus professores. Ainda que a ação se desdobre a partir de um mundo fantástico, as crianças ali se identificam porque, de certa forma, há semelhanças com suas vidas cotidianas. Harry Potter confirma até que ponto as histórias podem contribuir para a experiência das crianças, proporcionando-lhes referências e colaborando para a reflexão sobre suas próprias vidas, mesmo que permaneçam em segurança, longe dos perigos contidos no livro. São livros bons e é difícil abandoná-los depois de ter começado com sua leitura (MINNS, 2004, p. 65-66)

¹ Disponível em: www.super.abril.com.br/cultura/os-7-segredos-de-harry-potter. Acesso em: 18 de abr 2016

Estes temas aos quais a autora Hillary Minns, do Instituto de Educação da Universidade de Warwick, se refere, são levantados em todos os livros, entre todos os personagens. Por exemplo: o descaso dos Dursley com Harry, um órfão indesejado que adveio do lado “ruim” da família; as diferenças entre as classes sociais, como a família Malfoy sempre se orgulhou de demonstrar, principalmente diante da família Weasley:

- Acha meu nome engraçado, é? Nem preciso perguntar quem você é. Meu pai me contou que na família Weasley todos têm cabelos ruivos e sardas e mais filhos do que podem sustentar.

Virou-se para Harry.

- Você não vai demorar a descobrir que algumas famílias de bruxos são melhores do que outras, Harry. Você não vai querer fazer amizade com as ruins. (ROWLING, 2000 a, p. 82).

- Ah, é você! – exclamou Rony, olhando para Malfoy como se ele fosse uma coisa desagradável, grudada na sola do sapato. – Aposto como ficou surpreso de ver Harry aqui, hein?

- Não tão surpreso como estou de ver você numa loja, Weasley – retrucou Malfoy. – Imagino que seus pais vão passar fome um mês para pagar todas essas compras. (ROWLING, 2000 b, p. 51).

Entre os dramas desenvolvidos pela saga estão as perdas, principalmente familiares. Harry já havia perdido os pais e desde que descobriu que tinha um padrinho, Sirius Black, criou esperança de morar com ele, até que Belatriz Lestrage mata-o no departamento de ministérios. Cedrico Diggory, um dos estudantes de Hogwarts, morre na última tarefa do torneio tribruxo, deixando chocados personagens e leitores – afinal, não é uma temática comum a morte de jovens nas histórias. O leitor tende a ficar sempre na torcida para que o bem vença o mal. Mais tarde, Dumbledore é morto pelo professor Snape, deixando o protagonista mais órfão ainda. Dobby, o elfo doméstico, que sempre ajudara Harry, tem uma adaga cravada no peito também por Belatriz. Fred, irmão gêmeo de Jorge Weasley, não resistiu à batalha de Hogwarts. Snape é executado por Voldemort, para que este possuísse a varinha das varinhas. Todos esses fatos adensam a obra e fazem com que o leitor, seja ele jovem ou adulto, fique na expectativa de como o herói lidará com seus problemas e contornará as dificuldades.

Em relação aos temas que dialogam com adolescentes e jovens, ainda podemos exemplificar com o *bullying* que Luna Lovegood sofre ao ser apelidada de Di-lua, além de ter seus pertences escondidos por uma brincadeira de mau gosto, ou ainda a mágoa causada no fantasma Murta-Que-Geme, quando lhe jogam objetos pelo prazer de vê-los atravessar seu espectro.

Os relacionamentos amorosos são outro tema corrente da narrativa. Harry demonstrou interesse em Cho Chang, mas ela namorava Diggory. Depois de passado

um tempo da morte do colega, Harry e Cho tentam um relacionamento, sem sucesso. Já Rony e Hermione têm mais desencontros e cenas de ciúmes do que afeto, caracterizando muito bem a inconstância e os conflitos dessa fase da juventude. Apesar de esta temática estar presente, a autora não a colocou como centralizadora da trama, afinal não apenas os protagonistas ainda eram crianças e jovens, como havia uma questão mais importante em jogo.

Outro assunto que provocou a curiosidade de alguns leitores foi a possibilidade de o diretor da escola, Alvo Dumbledore, e a professora de transfiguração, Minerva McGonagall, terem um possível romance, apesar de que nada realmente pudesse indicar uma aproximação diferente da amizade entre eles. Em uma de suas entrevistas, Rowling surpreendeu a legião de leitores, ao revelar que Dumbledore era gay. Ou seja, a homossexualidade também esteve presente na história, mesmo que discretamente.

O que se percebe é uma espécie de encantamento que a obra causa a seus leitores. A escritora ousou no que diz respeito a muitos aspectos de seus livros, a começar pelo número de páginas e o tamanho da saga, e conquistou a admiração de milhares de pessoas de todas as idades, além de incentivar a leitura e criar novos leitores – embora o melhor trocadilho fosse “enfeitiçar”.

2.2 Entre o fantástico e o maravilhoso

Por suas características, a série *Harry Potter* pode ser considerada também como pertencente aos gêneros do maravilhoso e do fantástico, oscilando entre eles. O texto apresenta elementos que permitem que o leitor identifique cada um desses gêneros.

O fantástico é um dos gêneros mais diversificados, pois pode ser confundido com a narrativa caracterizada como estranha ou maravilhosa, trazendo elementos que o aproximam dos contos de fadas e dos mitos. Todorov (2007, p. 31) explica que “o fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural”. Neste gênero literário, os elementos que permeiam o texto são justamente aqueles que não têm possibilidade de acontecerem na vida real, o que é um fator instigante para a leitura.

O gênero fantástico acontece quando o leitor, embora inicialmente confuso aceita que os elementos da história são de determinada natureza e fenômeno, a partir do momento em que os personagens também aceitam aquilo que, inicialmente, seria estranho à realidade. Na narrativa do estranho, a incompatibilidade entre o

acontecimento e a realidade permanece; no fantástico, ela é aceita, quando então o fantástico se esvai, dando lugar, ora à ficção científica, quando a explicação parte da ciência, ora ao maravilhoso, quando os elementos adentram o reino dos mitos e dos contos de fadas.

A narrativa *Harry Potter* começa numa manhã de terça-feira. No decorrer da história, conhecemos Válter Dursley, a esposa Petúnia e o filho Duda. Ao se dirigir para o trabalho, Válter vê um gato lendo um mapa. Ora, gatos não podem ler mapas. Válter pisca os olhos e só vê um gato com listras amarelas. Pisca novamente e o gato o encara. Na volta do trabalho, encontra um grupo de pessoas vestidas estranhamente, usando capas. Ao desviar do grupo, consegue ouvir que algo aconteceu com a família Potter e o filho Harry. Assim, a história começa com algo do nível do fantástico, já que o próprio personagem não compreende aqueles acontecimentos.

Órfão, Harry é deixado na porta da casa dos tios, ainda bebê. Onze anos mais tarde, num passeio ao zoológico, Potter conversa com uma cobra e a liberta, fato no mínimo curioso. Mas, mais curioso ainda quando cartas endereçadas ao garoto começam a chegar através de corujas. O modo como as cartas são entregues, aparentemente de forma inexplicável, gera interrogação no leitor. Afinal, em tempos de tecnologias cada vez mais avançadas, parece impossível que o “pombo correio” ainda seja usado. O fato de Harry conversar com a cobra, e se assustar com isso, também gera estranhamento no leitor.

Cansado da insistência das corujas em entregar as cartas, Válter decide levar os quatro habitantes da casa para um lugar isolado, também surpreendendo o leitor, que já começa a sentir que há algo que a família de Harry sabe, mas ele não. Confinados em uma ilha no meio do oceano e pensando que estariam livres do “correio”, na noite do décimo primeiro aniversário de Harry surge um gigante à porta da velha casa em que estão escondidos. Hagrid, o gigante, entrega nas mãos do aniversariante uma carta da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts. Sem entender o que isso poderia significar, o guarda-caça da escola explica “Harry, você é um bruxo” (ROWLING, 2000 a, p. 42). A partir de então, o leitor seguirá a leitura aceitando que a história contém não apenas elementos do real, mas também do maravilhoso, em que elementos da realidade estão integrados a um outro plano, desconhecido para o leitor, mas agora aceito pelos personagens.

No entanto, a história não se limita ao maravilhoso e ao fantástico, como já mencionei. Em alguns momentos, o leitor se depara com o estranho. Este gênero

também realiza uma condição específica do fantástico; incita reações, geralmente as de medo, sentidas pelos personagens a partir do desconhecido e do inexplicável. É importante anotar que o foco do narrador está em Harry, então só sabemos aquilo que ele sabe, por isso os acontecimentos deixam de ser estranhos para o protagonista e o leitor simultaneamente. O estranho, assim, se desfaz no momento em que os personagens entendem o que está acontecendo, transferindo isso para os leitores. Esse efeito surge diversas vezes nos sete livros, pois no mundo criado por J.K Rowling tudo pode acontecer; entretanto, há situações em que o leitor desconhece se aquilo que está acontecendo faz parte do mundo trouxa, como é chamado quem não é bruxo, ou do mundo bruxo. Já as cenas de medo ocorrem especificamente nos encontros entre Harry e Voldemort, o maior bruxo das trevas de quem já se ouviu falar.

O universo do gênero maravilhoso, vizinho à literatura fantástica, como visto, traz relação com elementos dos contos de fadas e da mitologia, quando tratados como reais. Conforme Todorov (2007), os fatos não factuais são perfeitamente aceitáveis, pois

os acontecimentos sobrenaturais aí não provocam qualquer surpresa: nem o sono de cem anos, nem o lobo que fala, nem os dons mágicos das fadas (para citar alguns elementos dos contos de Perrault). O que distingue o conto de fadas é uma certa escritura, não o estatuto do sobrenatural. (TODOROV, 2007, p. 60)

Na saga podemos identificar vários desses elementos, como os mitológicos centauros, por exemplo, que na série são criaturas muito inteligentes e dotadas de fala, e que evitam o contato com humanos, sejam trouxas ou bruxos. Duendes trabalham no banco bruxo Gringotes, criaturas extremamente sérias. Fantasmas vivem nos corredores do castelo de Hogwarts. Os mais conhecidos: Pirraça, Nick-Quase-Sem-Cabeça e a Murta Que Geme. Já os animagos, que guardam semelhança com os *skinwalkers* de uma lenda navajo, são aqueles bruxos e bruxas que são capazes de assumir uma forma animal, que eles só descobrem qual é quando dominam o feitiço. Lobisomem, diferentemente do animago, não tem escolha de transformação; em noites de lua cheia, ele se transformará em lobo. É o caso do personagem Remo Lupin. No mundo bruxo, os elfos vivem para servir aos seus senhores ou para quem trabalham, como criados. Às vezes muito fiéis aos seus amos, se autoflagelam se desobedecem alguma ordem ou erram e só recebem a “abolição” se forem presenteados com uma peça de roupa.

Em se tratando do tema da magia, muito presente, a história mostra a varinha como principal instrumento. A magia é um meio de realizar quase todas as coisas e, com a varinha, é possível realizar tarefas simples como lavar a louça e tricotar, até os

feitiços mais complexos que podem ser de defesa ou ataque, neste caso, transformando-se em uma arma que pode ser mortal. Curiosamente não é o bruxo quem determina qual a varinha que lhe servirá no decorrer de sua trajetória, e sim é a varinha que escolhe o bruxo.

Harry apanhou a varinha. Sentiu um repentino calor nos dedos. Ergueu a varinha acima da cabeça, baixou-a cortando o ar empoeirado com um zunido, e uma torrente de faíscas douradas e vermelhas saíram da ponta como um fogo de artifício, atirando fagulhas luminosas que dançavam nas paredes. Hagrid gritou entusiasmado e bateu palmas e o Sr. Olivaras exclamou:

- Bravo! Mesmo, ah, muito bom. Ora, ora, ora... que curioso... curiosíssimo...

Repôs a varinha de Harry na caixa e embrulhou-a em papel pardo, ainda resmungando:

- Curioso... curioso...

- O senhor me desculpe – disse Harry -, mas *o que é* curioso?

O Sr. Olivaras encarou Harry com aqueles olhos claros.

- Lembro-me de cada varinha que vendi, Sr. Potter. De cada uma. Acontece que a fênix cuja pena está na sua varinha produziu mais uma pena, apenas mais uma. É muito curioso que o senhor tenha sido destinado para esta varinha porque a irmã dela, ora, a irmã dela produziu a sua cicatriz.

Harry engoliu em seco.

- É, tinha trinta e quatro centímetros. Puxa. É realmente curioso como essas coisas acontecem. A varinha escolhe o bruxo, lembre-se... Acho que podemos esperar grandes feitos do senhor, Sr. Potter... Afinal, Aquele-Que-Não-Se-Deve-Nomear realizou grandes feitos, terríveis, sim, mas grandes.(ROWLING, 2000 a, p. 66)

Neste ponto da história, quando Harry escolhe sua varinha, o leitor já assinou um contrato com o narrador sobre esse mundo diferente e está se familiarizando com seus elementos. A saga intercala o fantástico, o estranho e o maravilhoso enquanto o leitor vai se surpreendendo e se integrando ao universo mágico. Desde os primeiros capítulos o leitor se depara com esse espaço, respondendo ao imaginário e penetrando naquele cenário.

2.3 Resumo da saga

O primeiro livro *Harry Potter e a pedra filosofal* tem como protagonista Harry Potter, um menino magricela que vive embaixo da escada da casa dos tios Válter e Petúnia Dursley e o filho Duda, na rua dos Alfeneiros nº 4. No dia de seu décimo primeiro aniversário é informado de que é bruxo, assim como seus pais Tiago e Lilian Potter – Lilian é irmã de Petúnia. Além disso, descobre que os pais não morreram num acidente de carro, e, sim, assassinados pelo maior bruxo das trevas de quem já se ouviu falar, Lord Voldemort. O vilão também tentara assassinar Harry, mas sua mãe o protegera com uma arma desconhecida pelo Lorde, o amor. O ataque ao garoto resultara em uma cicatriz em forma de raio em sua testa.

Quem revela esses detalhes ao menino é o gigante Hagrid, também guarda-caças de Hogwarts, escola de Magia e Bruxaria para onde o protagonista se dirigirá. Hagrid ajuda Harry a comprar seu material (caldeirão, coruja, livros, varinha) e a passagem para a plataforma 9½ (9¾ no original) na Estação de King's Cross.

O primeiro ano letivo é de muitas descobertas para Harry: a amizade com Rony Weasley e Hermione Granger, tornando-os inseparáveis e confidentes; ser escolhido para a casa da Grifinória, uma das quatro casas² para as quais os alunos são selecionados:

A última coisa que Harry viu antes de o chapéu lhe cair sobre os olhos foi um salão cheio de gente se espichando para lhe dar uma boa olhada. Em seguida só viu a escuridão dentro do chapéu.

- Difícil. Muito difícil. Bastante coragem, vejo. Uma mente nada má. Há talento, ah, minha nossa, uma sede razoável de se provar, ora isso é interessante... Então, onde vou colocá-lo?

Harry apertou as bordas do banquinho e pensou “Sonserina, não, Sonserina, não”.

- Sonserina, não, hein? – disse a vizinha. -Tem certeza? Você poderia ser grande, sabe, está tudo aqui na sua cabeça, e a Sonserina lhe ajudaria a alcançar essa grandeza, sem dúvida nenhuma, não? Bem, se você tem certeza, ficará melhor na *GRIFINÓRIA!* (ROWLING, 2000 a, p. 92)

Ainda no primeiro livro, Harry torna-se apanhador no time de quadribol³, assim como seu pai, e derrota um trasto montanhês, mas isso foi pouca demonstração de coragem, o perigo ainda estava por vir. O herói, com a ajuda dos amigos Rony e Hermione, enfrenta Lord Voldemort, que mais uma vez escapa, porém fraco e na forma de uma espécie de espírito.

Em *Harry Potter e a câmara secreta*, o protagonista passa quase o verão inteiro trancado no quarto, não fosse pela visita de Dobby, um elfo doméstico⁴ com “orelhas como as de um morcego e olhos esbugalhados e verdes do tamanho de bolas de tênis” (ROWLING, 2000 b, p. 17), Harry teria uma estação monótona.

Além das aventuras como voar com um carro e fugir de aranhas gigantes, o herói descobre que é ofidioglota:

- Você é um ofidioglota. Por que não nos contou?

- Eu sou o quê? – perguntou Harry

- Um ofidioglota! – Você é capaz de falar com as cobras!

[...] – E daí? Aposto que um monte de gente pode fazer isso.

² Hogwarts divide os alunos em quatro casas: Corvinal, a casa dos sábios e criativos; Lufa-Lufa, casa dos pacientes e leais; Grifinória, casa dos corajosos e companheiros; e Sonserina, casa dos espertos e ambiciosos.

³ Jogo dos bruxos: consiste em bater uma bola através de arcos. As bolas são chamadas de balaços e goles. Os jogadores voam em vassouras. Harry, na posição de apanhador, tem o dever de capturar o pomo de ouro, minúscula bola dourada.

⁴São criaturas mágicas fiéis aos donos.

- Ah, não. De jeito nenhum. Isto não é um dom muito comum. Harry, isto não é legal.

[...] – Eu falei uma língua diferente? Mas, eu não percebi, como posso falar uma língua sem saber que posso falá-la? (ROWLING, 2000 b, p. 148-149)

O trio de amigos ainda corre contra o tempo para descobrir o que está petrificando alunos. Como era de se esperar, Voldemort volta a investir contra o jovem bruxo, só que desta vez em um corpo jovem, criado a partir de seu passado, de uma lembrança guardada em um diário carregado por Gina Weasley, irmã caçula de Rony.

Para salvá-la de um esconderijo denominado Câmara Secreta, localizada no subsolo da escola, Harry luta com um basilisco⁵ comandado por Tom Riddle, nome verdadeiro de Voldemort. Ao matar o monstro, um dos dentes da serpente fica preso no braço do garoto. Harry usa a presa para cravar na capa do livro, derrotando Tom e destruindo o diário.

Fawkes, a fênix de Dumbledore, cura o ferimento do jovem com suas lágrimas de poderes curativos, levando Gina e Harry de volta ao castelo. Termina o segundo ano de Harry em Hogwarts.

Em *Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban*, o protagonista completa treze anos e faz mais descobertas sobre seu passado e sobre seus pais. O menino enfrenta dementadores⁶ e foge de um cão, que na verdade é Sirius Black, seu padrinho e um animago⁷. O padrinho fora condenado à prisão, acusado de ter assassinado treze trouxas de uma única vez além de entregar o paradeiro de Tiago e Lilian Potter para Voldemort. Com a ajuda do professor de Defesa Contra a Arte das Trevas, Remo Lupin, Harry pratica feitiços de defesa contra os dementadores.

Na aula de Adivinhação, a professora Sibila Trelawney faz uma predição a Harry:

- O Lorde das Trevas está sozinho e sem amigos, abandonado pelos seus seguidores. Seu servo esteve acorrentado nos últimos doze anos. Hoje à noite, antes da meia-noite... O servo vai se libertar e se juntar ao seu mestre. O Lorde das Trevas vai ressurgir, com a ajuda do seu servo, maior e mais terrível que nunca. Hoje à noite... o servo... vai se juntar... ao seu mestre...(ROWLING, 2000 c, p. 239)

Com a ajuda dos amigos Rony e Hermione, o trio descobre que Sirius é inocente e que o verdadeiro traidor fora Perebas, o rato de Rony, ou Pedro Pettigrew, que

⁵ Serpente fantástica com cabeça de galo, mata qualquer um que olhar diretamente em seus olhos.

⁶ Os guardas da Prisão de Azkaban são capazes de sugar a alegria de quem se aproxima. O beijo do dementador significa que ele consome a alma.

⁷ Bruxo capaz de se transformar em animal sem o uso da varinha.

também fora um animago. Para salvar a vida de Black, os amigos usam o hipogrifo⁸, que estava condenado à morte devido a um ferimento provocado em Draco Malfoy na aula de Trato das Criaturas Mágicas, para conceder a liberdade e ajudá-lo a fugir.

O ano letivo termina e, a convite de Rony, Harry vai passar o final das férias na casa da família Weasley, para que junto deles possa assistir à Copa Mundial de Quadribol.

No quarto livro, intitulado *Harry Potter e o cálice de fogo*, as famílias Weasley e Diggory se encontram para viajar juntos para a Copa. Lá, Comensais da Morte⁹ causam pânico e confusão, e alguém conjura a Marca Negra¹⁰ – o ministro da Magia acusou Harry, mas Arthur Weasley interveio.

De volta aos terrenos de Hogwarts, os alunos são surpreendidos com o anúncio do Torneio Tribruxo, campeonato internacional entre três escolas bruxas. A regra era que somente alunos maiores de dezessete anos pudessem se inscrever, mas Potter é escalado para competir.

Harry representa Hogwarts junto com Cedrico Diggory; Vitor Krum representa Durmstrang; e Fleur Delacoeur representa a escola Beauxbatons. Após enfrentarem dragões e permanecerem por uma hora debaixo d'água resgatando alguém que eles conhecem, os competidores chegam à última tarefa do torneio. Dentro de um labirinto, terão que encontrar a Taça Tribruxo. Somente Harry e Cedrico conseguem alcançá-la, porém a taça é a chave de um portal.

A dupla é transportada para um cemitério onde Comensais da Morte e Pedro Pettigrew aguardam o retorno de Voldemort, desta vez em um corpo, através de um feitiço realizado com o sangue de Potter. Antes de duelar com Harry, o lorde lança um feitiço da morte em Cedrico.

O vilão dera por vencida a batalha, não fosse a semelhança entre sua varinha e a de Harry, ambas feitas da mesma fênix, fato constatado por Olivaras, o fabricante de varinhas, quando Harry a comprara, aos onze anos:

- Curioso... curioso...

- O senhor me desculpe – disse Harry -, mas *o que é curioso?*

O Sr. Olivaras encarou Harry com aqueles olhos claros.

-Lembro-me de cada varinha que vendi, Sr. Potter. De cada uma. Acontece que a fênix cuja pena está na sua varinha produziu mais uma pena, apenas mais uma. É muito curioso que o senhor tenha sido destinado para esta

⁸Criatura mitológica, um cavalo alado.

⁹Seguidores de Voldemort.

¹⁰Símbolo de Voldemort: uma caveira com uma serpente saindo de sua boca.

varinha porque a irmã dela, ora, a irmã dela produziu a sua cicatriz. (ROWLING, 2000 a, p. 66)

Harry, com a ajuda dos fantasmas dos pais, que saíram dos fogos das varinhas atrasando o vilão, consegue fugir e levar o corpo de Diggory. Voldemort havia retornado, para o pavor da população bruxa. E o herói voltava para outro verão na casa onde crescera.

Em *Harry Potter e a ordem da fênix*, o protagonista já é um adolescente de 15 anos e o fato de estar na presença de trouxas – quando é proibido fazer feitiços – não impediu que ele fosse atacado por dementadores. Em sua defesa, Harry conjura o feitiço do Patrono¹¹, resultando numa audiência no Ministério da Magia.

No castelo de Hogwarts, os alunos se sentem desamparados com a intervenção do Ministério e a nomeação de Dolores Umbridge como diretora. Decidem criar a Armada de Dumbledore para que pudessem aprender a se proteger do pior, tendo o jovem Harry Potter como professor de Defesa Contra a Arte das Trevas. Potter também precisa ter aulas de Oclumência¹², pois tem sonhos que parecem reais cada vez mais frequentes, além de dor em sua cicatriz.

A Armada é descoberta pela Alta Inquisidora do Ministério, Dolores Umbridge. Em mais um dos sonhos, Potter vê o padrinho Sirius ser levado ao Ministério da Magia e, no desespero, decide ir salvá-lo. Os amigos, Rony, Hermione, Gina, Luna e Neville o acompanham. O sonho na verdade era uma emboscada, e no Ministério os jovens são surpreendidos pelos Comensais da Morte e entram em combate. Harry deve entregar a Lucio Malfoy a profecia que é a explicação da derrota de Voldemort por Harry.

Entre lampejos lançados pelas varinhas, Sirius é assassinado por Belatriz Lestrage, deixando Harry desesperado. Neville deixa a profecia cair, quebrando-a; a informação contida era a predição de Trelawney.

De volta a Hogwarts, Dumbledore esclarece a Harry a verdade, que havia uma profecia sobre ele ser o único a ter o poder de derrotar Voldemort e que, quando sua mãe morrera, teria protegido Harry com um feitiço que se estendia até a casa dos tios Dursley, por causa do laço afetivo com sua tia. Confuso, mas passando a aceitar seu destino, o garoto retorna à rua dos Alfeneiros.

¹¹ Feitiço feito de energia positiva, deve ser feito a partir de uma lembrança feliz. O patrono tem a forma de um animal prateado, cada bruxo possui um patrono, o de Harry era um cervo.

¹² Defesa mágica da mente contra invasões externas.

No penúltimo livro, *Harry Potter e o enigma do príncipe*, a história começa com uma visita de Belatriz Lestrage e Narcisa Malfoy, mãe de Draco, à casa de Severo Snape. O professor é obrigado a selar um pacto: através deste voto, é seu dever proteger Draco na missão dada ao garoto pelo Lorde das Trevas.

Em algum outro lugar, Dumbledore leva Potter para convencer Horácio Slughorn a voltar para o quadro de professores de Hogwarts. Além disso, o diretor precisa que Harry ajude-o a encontrar cinco horcruxes¹³ de Voldemort, tendo já destruído ele mesmo o anel da família Gaunt, e Harry, o diário de Tom Riddle.

O ano prossegue e Harry tem sucesso na aula de Poções com a ajuda de um livro desgastado, mas cheio de informações, pertencente a um tal Príncipe Mestiço. Com ajuda das dicas anotadas no livro, é presenteado com a poção Felix Felicis¹⁴.

Potter usa a poção para obter uma importante memória de Horácio e Tom Riddle, dando a certeza de que o Lorde realmente dividiu sua alma. Draco passa horas na Sala Precisa¹⁵, consertando o Armário Sumidouro¹⁶, para o acesso dos Comensais ao castelo.

O herói parte com Dumbledore em busca do medalhão de Salazar Slytherin, uma das horcruxes. Para obter o objeto, o diretor fora obrigado a ingerir uma poção que quase o levou à morte, e Harry também quase morre por não conseguir lutar contra os Inferi¹⁷. No retorno a Hogwarts, descobrem que os Comensais já tiveram acesso à escola, e Dumbledore fica frente a frente com Draco. Malfoy revela que é seu dever matar o diretor. Mas como prometido à Narcisa, Snape é quem tira a vida de Alvo Dumbledore.

Desesperado com a perda de mais um de seus mentores, Harry lança o feitiço Sectumsempra¹⁸ em Severo, ao que o professor revela que é o criador do feitiço, já que ele era o Príncipe Mestiço, dono do caderno. Potter retorna para junto do corpo do diretor e guarda o medalhão no bolso. Após o funeral, junto com Rony e Hermione, descobre que o medalhão é falso.

O sétimo e último livro da saga escrito por J.K. Rowling foi batizado como *Harry Potter e as relíquias da morte*. A história recomeça com o casamento do irmão

¹³ Objetos em que Voldemort ocultou sua alma.

¹⁴ Dá sorte a quem beber.

¹⁵ Aparece quando alguém precisa de algo.

¹⁶ Faz objetos colocados ali sumirem.

¹⁷ Cadáver de um humano, reanimado por um bruxo das Trevas.

¹⁸ Cortes aparecem em quem é atingido pelo feitiço, além de sangrar muito.

de Rony, Carlinhos, com Fleur Delacoeur. Na Toca, como é conhecida a casa da família Weasley, os meninos recebem a visita do Ministro da Magia para a leitura do testamento de Alvo Percival Wulfrico Brian Dumbledore. Rony recebera um desiluminador, Hermione, o livro *Os contos de Beedle, o bardo*, e Harry, o pomo de ouro, capturado em seu primeiro jogo de quadribol, e a espada de Griffindor. Segundo o Ministro, mesmo se a espada, não tivesse sido roubada não poderia pertencer a Harry, pois também não pertencia a Dumbledore.

Durante a festa, um feixe de luz prateada – um patrono – irrompe entre as pessoas, anunciando a morte do Ministro da Magia enquanto faz um aviso da chegada dos Comensais da Morte. Hermione, Rony e Harry fogem e refugiam-se na casa da família de Sirius Black. Lá descobrem que Monstro, o elfo doméstico dos Black, estivera com o verdadeiro medalhão, porém fora roubado por Mundungo Flecher. Já Mundungo revela que praticamente presenteou Dolores Umbridge com o objeto.

O trio parte para o ministério em busca da horcrux, mas ao serem descobertos ficam impossibilitados de retornar à mansão. Hermione leva os amigos para uma floresta e passam a morar numa cabana protegida por feitiços de invisibilidade. Preocupado com a falta de notícias da família, Rony decide abandonar os amigos. Já Harry e Hermione planejam visitar a casa onde Harry nascera, em Godric's Hollow. No entanto, lá acabam tendo de enfrentar Nagini, a cobra de estimação de Voldemort.

Sem a espada e sem pistas, a dupla retorna à barraca, e numa noite Harry vê o patrono em forma de corça. Ele decide segui-la e encontra a espada no fundo de um lago próximo, nada para resgatá-la, e quando toca o objeto, o medalhão tenta sufocá-lo. Rony surge, salvando o amigo. A partir dali, o trio segue até a casa de Xenofílio Lovegood, pai da amiga Luna, numa tentativa de descobrir o que é o símbolo desenhado no livro de contos herdado por Hermione, pois Harry havia notado que Xenofílio usara o mesmo símbolo num colar, no dia do casamento de Fleur Delacour e Gui Wasley, irmão de Rony. Lovegood conta que é o símbolo das Relíquias da Morte e que faz parte do Conto dos Três Irmãos. As relíquias representam a capa da invisibilidade, a varinha das varinhas e a pedra da ressurreição; o bruxo que possuir as três relíquias é considerado o Senhor da Morte. Na despedida, o grupo é capturado por Comensais.

Levados à casa de Lúcio Malfoy, conseguem fugir graças à ajuda de Dobby, levando consigo Luna, o Sr. Olivaras e o duende Grampo; porém, na fuga, Belatriz acerta uma adaga no peito do elfo. Em seguida, os amigos, com a ajuda de Grampo,

invadem Gringotes¹⁹, para resgatar a taça de Lufa-Lufa, outra horcrux. O preço pela ajuda no roubo era a espada de Griffindor.

Através da ligação entre as mentes de Harry e Voldemort, o vilão descobre o plano do herói, a destruição das horcruxes. O Lord parte para Hogwarts na tentativa de proteger as outras partes de sua alma. O trio tem a mesma ideia e segue para Hogsmeade, povoado vizinho à escola. Lá são ajudados por Abeforth, irmão de Dumbledore, a entrar no castelo. Dentro da escola, reúnem a todos para a batalha contra Voldemort e seus seguidores.

Hermione consegue destruir a taça com uma presa do basilisco, e o diadema de Corvinal é destruído nas chamas da Sala Precisa. Lupin, Tonks, Colin, Lilá Brown e Fred Weasley, gêmeo de Jorge, morrem durante a guerra. Voldemort convoca Snape, pois acredita que este seja o detentor da Varinha das Varinhas, e mata-o para ser o único possuidor. Antes de morrer, Severo faz um feitiço em que retira suas lembranças, guarda em um frasco e as entregaa Harry. O garoto leva as memórias até a Penseira²⁰ e descobre que o amor de Severo por sua mãe, Lilian, fez com que o professor trabalhasse como agente duplo para poder defendê-lo.

O fato mais chocante fora descobrir que o próprio menino era uma das horcruxes – Voldemort não planejava criar esta horcrux, aconteceu quando tentara matar Harry ainda bebê –, e que precisava morrer para que Voldemort também desencarnasse. Com esse pensamento, Harry caminha para seu destino, no local marcado pelo vilão, a Floresta Proibida. Na entrada da floresta, toca o pomo de ouro com os lábios e este se abre, revelando a Pedra da Ressurreição, outro elemento d’*Os contos do Beedle, o bardo* gira-a três vezes e diante de seus olhos tem a presença de seus pais, o padrinho e Lupin; humildemente pede que o acompanhem e lhe tragam coragem.

Voldemort lança o feitiço Avada Kedavra²¹ no menino e, em um lugar da memória de Harry, o garoto encontra Dumbledore. O diretor explica que a parte de Harry que morrera era aquela que continha Voldemort. Seguido pelos Comensais, Voldemort exhibe o corpo de Potter para os que lutaram a favor do garoto. Não satisfeito, o bruxo das trevas tenta matar Neville. Eis que Harry, que então retornara daquele estado de torpor, reage distraindo o lorde. Neville mata Nagini, a última horcrux.

¹⁹ Banco dos bruxos.

²⁰ Recipiente onde se derramam as memórias. Para que a memória possa ser vista, o bruxo tem de mergulhar a cabeça na vasilha.

²¹ Feitiço da Morte.

O duelo mais esperado começava: Harry e Voldemort, medindo forças. O garoto revela que a Varinha das Varinhas nunca pertencera a Snape, pois não fora ele quem desarmara Dumbledore, e sim Draco, e também que a morte do diretor fora um plano, ele pedira para que fosse morto. Como Harry havia tomado a varinha de Draco, na casa dos Malfoy, a varinha não poderia obedecer a Voldemort, mas, sim, a Harry. Entre feitiços e golpes, Harry consegue ricochetear o feitiço de Voldemort, eliminando o inimigo e confirmando a profecia de que “um não pode viver enquanto o outro sobreviver” (ROWLING, 2003, p. 680).

Potter reúne-se com os amigos e revela por que a varinha não obedeceu a Voldemort, que Snape sempre o protegera e que Dumbledore armou um plano para que o garoto matasse o lorde. No capítulo seguinte, dezenove anos se passaram e, desta vez, os três amigos se encontram na estação de King's Cross para levar os filhos. Gina Weasley casou-se com Harry, tiveram três filhos, Tiago Sirius Potter, Alvo Severo Potter e Lílian Luna Potter. Rony e Hermione também formaram uma família, Rose Jean Granger Weasley e Hugo Billius Granger Potter são seus filhos.

3 RELAÇÕES ENTRE TEXTOS

A palavra texto se origina do latim *textus* e, em seu sentido mais comum, significa narrativa, exposição ou ainda qualquer material escrito que se destina a ser falado ou lido em voz alta. Embora a noção de texto seja muito mais relacionada ao material verbal escrito, em uma perspectiva ampla, a partir dos estudos da Semiótica, por exemplo, o texto é um tecido significativo que pode ser interpretado. Assim, texto é o conteúdo da comunicação: um filme, um espetáculo de balé, uma música. “Nas mais diversas culturas surge periodicamente a tendência para considerar o mundo como um texto, e, conseqüentemente, o conhecimento do mundo é equiparado à análise filológica desse texto: à leitura, à compreensão e à interpretação” (LOTMAN; USPENSKI, 1981, p. 39).

Com base nos estudos do crítico literário francês e teórico da literatura Gérard Genette (2003), podemos aprofundar as espécies de relações que ocorrem entre textos.

3.1 Relações transtextuais

Às relações entre os textos Gérard Genette dá o nome de transtextualidade. Essa relação está em que todo texto é também um conjunto de textos que interagem entre si – internamente, entre outros textos e, ainda, com o passado desses textos. Genette (2003) identificou cinco formas de transtextualidade, ou relações transtextuais: a intertextualidade, a paratextualidade, a metatextualidade, a transtextualidade e a architextualidade.

A primeira relação transtextual, a intertextualidade, será a base deste trabalho, portanto, mais desenvolvida no subcapítulo seguinte; por enquanto, tomaremos como exemplo de intertexto *O conto dos três irmãos* na saga *Harry Potter*. Mas, antes disso, é necessário que se compreenda um pouco mais sobre as outras espécies de relação transtextual. A paratextualidade é aquela que pode ser menos explícita e mais distante de um texto propriamente dito. O paratexto pode ser

título, subtítulo, intertítulo, prefácio, posfácio, advertências, prólogos, etc; notas marginais, de rodapé, de fim de texto; tipos de sinais acessórios, autógrafos ou alógrafos, que fornecem ao texto um aparato. (GENETTE, 2003, p. 9)

Genette (2003) também apresenta dois tipos de paratexto editorial. O primeiro é o peritexto, o espaço que fica a cargo do editor de texto, no sentido físico da obra, e pode ser a capa, o formato ou até o tipo de papel; já o segundo, o epitexto, distingue-se do primeiro por questões espaciais, ou seja, aquilo que não está materialmente anexado

ao livro, mas presente em torno dele, por exemplo, as referências ao livro na internet. Como exemplo desses dois tipos de paratextualidade, podemos identificar como peritexto as diferentes capas das distintas edições dos sete livros escritos por J.K. Rowling. Em uma delas, por exemplo, as sete lombadas formam o desenho do castelo de Hogwarts. E, como epitexto, podemos citar as várias histórias publicadas pela autora que têm relação com elementos da saga, a respeito das famílias dos personagens e dos próprios personagens e ainda dos dramas que compõem a série.

Em seguida, a metatextualidade é a relação, chamada mais corretamente de “comentário”, que une um texto a outro texto do qual ele fala, sem necessariamente citá-lo ou nomeá-lo; uma explicação da própria interpretação. O metatexto une-se a outro texto por questões de afinidade, citação, nomeação ou sugestão do texto comentado. Essa relação transtextual é, afinal, a relação crítica que se estabelece quando um texto comenta outro, revelando interpretações. É necessário apontar que essas relações só se definem com o reconhecimento do leitor, por exemplo, se ele lê um comentário sobre um romance antes da leitura, interferindo na sua interpretação – pois aquele metatexto estará presente em sua leitura. Da mesma forma, os paratextos devem ser lidos e reconhecidos como tal (GENETTE, 2003). As publicações dos leitores na internet, interpretando a série, são metatextos, porque participam da construção da obra ao dar-lhe sentido.

Já a hipertextualidade é relação que une um texto B a um texto anterior A, ou, ainda que o B não fale nada de A, ainda assim B não poderia existir sem o A, em outras palavras, um texto derivado de um texto anterior por transformação simples. Nesse caso, o hipertexto mais comum é a adaptação de uma obra a outra, por exemplo, de um romance para um filme. Outro exemplo bastante atual de hipertexto é a *fanfiction*. *Fanfiction* é uma ficção feita por fãs a partir de uma história criada anteriormente. *Harry Potter* é um dos hipotextos que mais têm gerado hipertextos na forma de *fanfiction* – recontações, continuações, figurações de personagens em desenho, encenações teatrais, músicas.

A quinta relação transtextual é a arquitextualidade, e é aquela que se dá, por exemplo, com o gênero da obra, se ela é considerada romance, poema, ensaio – apesar das dificuldades de se enquadrar alguns textos em classificações e categorias desse tipo. Essa relação é determinada pelos leitores, pela crítica e público geral. Nem sempre é determinada apenas pelo gênero, mas também por seus leitores. A arquitextualidade geralmente é demarcada nos títulos ou subtítulos de obras, como Poesias, Ensaios,

Novela e nas fichas catalográficas dos livros, por exemplo, “Ficção brasileira”, “História”, “Literatura infantojuvenil”.

Vimos anteriormente que a história de *Harry Potter* havia sido pensada para crianças e adolescentes e, no entanto, foi lida e compreendida por pessoas de diferentes idades. Sua relação arquitextual ainda é com a literatura infantojuvenil inglesa, marcada na ficha catalográfica da obra.

3.2 Intertextualidade

Para Genette (2003, p. 8), a intertextualidade é a “relação de co-presença entre dois ou vários textos, a presença de um texto em outro”, ou seja, ao ler um texto ou obra, é possível encontrar fragmentos que nos remetem a outros textos ou obras. Nesta relação de co-presença, a intertextualidade pode ser uma prática de citação, alusão ou, ainda, plágio. A citação é a mais identificável dentre as três, pois surge entre aspas, em itálico, em fragmentos separados do texto e assim é facilmente distinguida. Um exemplo de citação explícita é o centão, uma forma de composição que usa fragmentos de outros textos, reconhecíveis pelo leitor. A citação pode levar referência para identificar a fonte do texto citado, se não houver referência pode simplesmente referir-se a uma situação específica, nome de autor ou título.

A alusão depende muito mais do reconhecimento pelo leitor, já que ela também pode ser, além de explícita ou nominal, implícita. Além disso, ela pode ser menos literal e envolver uma referência que é muito própria do autor e que, assim, não será reconhecida pelo leitor. Na saga de Rowling, por exemplo, Grindelwald pode ser considerado um personagem alusivo ao nazismo.

Já o plágio envolve legitimidade e propriedade, sendo assim envolve também questões jurídicas. A própria autora da série *Harry Potter*, J.K. Rowling, já enfrentou processos por plágio. O mais recente aconteceu após o lançamento de “A história da magia na América do Norte”, disponível no site *Potermore*²². No primeiro conto, a autora estabelece uma relação entre uma lenda da tribo Navajo, a dos Skin-walkers²³, e os animagos, personagens de sua série, e foi acusada de se apropriar da tradição viva daquele povo.

²² Disponível em: <https://www.pottermore.com/collection-episodic/history-of-magic-in-north-america-br>. Acesso em maio de 2016.

²³ Conforme Rowling: “A lenda indígena do “andarelo de peles” – uma bruxa ou um bruxo maligno, que pode se transformar no animal que desejar”. Disponível em: <https://www.pottermore.com/collection-episodic/history-of-magic-in-north-america-br>. Acesso em maio de 2016.

Como já dito pelo autor de *Palimpsestos*, Gérard Genette (2003, p. 8), intertextualidade é “a presença efetiva de um texto em outro”. Rowling soube fazer bom e “discreto” uso desta relação no rico enredo criado. Uso o termo discreto, pois nem todos os leitores criaram associações entre os intertextos que ela inseriu e a saga, estabelecendo relações transtextuais. Nomes, animais, mitologias, etc., inicialmente inocentes, passaram despercebidos aos olhos de quem não investigou.

Por exemplo, a autora criou a Marca Negra, símbolo que identifica os seguidores de Voldemort. Para os leitores mais críticos, a marca foi associada à Suástica, símbolo do nazismo no século XX.

Emprestando seres mágicos das mitologias céltica, grega, germânica, viking e escandinava, Rowling trouxe a sua série alguns animais fantásticos. A começar pelos elfos²⁴, oriundos das mitologias germânicas e escandinava descritos como seres belos, luminosos e mágicos, semelhante a fadas. Na série, os elfos são descritos como criaturas pequenas, com orelhas de morcego e olhos similares a uma bola de tênis. Tem a missão de servir famílias de bruxos e só podem ser libertados quando são presenteados com uma peça de roupa.

Harry conseguiu não gritar, mas foi por pouco. A criaturinha em sua cama tinha orelhas grandes como as de um morcego e olhos esbugalhados e verdes do tamanho de bolas de tênis.

[...] – Harry Potter! – exclamou a criatura com uma voz esganiçada que Harry teve certeza de que seria ouvida no andar de baixo. – Há tanto tempo que Dobby quer conhecê-lo, meu senhor... É uma grande honra...

- Ob-obrigado – respondeu Harry, andando encostado à parede para se largar na cadeira da escrivaninha, perto de Edwige, que dormia em sua gaiola espaçosa. Teve vontade de perguntar “Que coisa é você?”, mas achou que poderia parecer muito mal-educado, e em vez disso perguntou: - Quem é você?

- Dobby, meu senhor. Apenas Dobby. Dobby, o elfo doméstico – disse a criatura.

(ROWLING, 2000 b, p. 15)

Os duendes²⁵ surgiram junto com os elfos e anões na mitologia celta e escandinava, e são seres que possuem um espírito interesseiro. Rowling inclusive confirmou a tradição ao citar os duendes como administradores do banco dos bruxos, o Gringotes.

²⁴ Disponível em:

https://www.academia.edu/3211789/HARRY_POTTER_EA_SUA_INTERTEXTUALIDADE. Acesso em abril de 2016.

²⁵ Disponível em:

https://www.academia.edu/3211789/HARRY_POTTER_EA_SUA_INTERTEXTUALIDADE. Acesso em abril de 2016.

Fofo²⁶, o cão de três cabeças foi inspirado no personagem Cérbero, que na mitologia grega guardava o submundo dos mortos. Na história, Fofo protege o alçapão onde está escondida a Pedra Filosofal, que também tem sentido na vida e na morte.

Além dos centauros²⁷, que já citei, a floresta também é habitada por unicórnios, oriundos das mitologias gregas e orientais, onde são descritos como seres dóceis. Em *Harry Potter*, o sangue do unicórnio é capaz de manter alguém vivo mesmo se estiver à beira da morte.

- Harry Potter, você sabe para que se usa o sangue de unicórnio?
- Não – disse Harry surpreso pela estranha pergunta. – Só usamos o chifre e a cauda na aula de Poções.
- Porque é uma coisa monstruosa matar um unicórnio. Só alguém que não tem nada a perder e tudo a ganhar cometeria um crime desses. O sangue do unicórnio mantém a pessoa viva, mesmo quando ela está à beira da morte, mas há um preço terrível. Ela matou algo puro e indefeso para se salvar e só terá uma semivida, uma vida amaldiçoada, do momento que o sangue lhe tocar os lábios. (ROWLING, 2000 a, p. 187)

Outros habitantes da floresta são os gigantes²⁸, seres dotados de força física e altura, que representam o caos primitivo, assim como na mitologia grega. Através de Hagrid, o guarda-caças da escola e seu irmão, Grope, a autora quis mostrar uma personalidade diferente da mitologia, bondosa, amiga e fiel, apesar da bruteza característica de Grope.

O hipogrifo²⁹ também é outro ser mitológico presente na trama, advindo da mitologia grega, embora esteja presente em outras. O hipogrifo possui longas asas, da cintura para cima tem corpo de pássaro e, da cintura para baixo, termina como cavalo. Na história de Rowling, o hipogrifo Bicuço é muito importante para a trama e, para se aproximar dele, é preciso ter seu consentimento, através de uma reverência.

Trotavam em direção aos garotos mais ou menos uma dezena dos bichos mais bizarros que Harry já vira na vida. Tinham os corpos, as pernas traseiras e as caudas de cavalo, mas as pernas dianteiras, as asas e a cabeça de uma coisa que lembrava águias gigantescas, com bicos cruéis cinza-metálico e enormes olhos laranja vivo. As garras das pernas dianteiras tinham uns quinze centímetros de comprimento e um aspecto letal. Cada um dos bichos trazia uma grossa coleira de couro ao pescoço engatada em uma longa

²⁶ Disponível em: <http://wiki.potterish.com/index.php?title=Fofo>. Acesso em abril de 2016.

²⁷ Disponível em: https://www.academia.edu/3211789/HARRY_POTTER_EA_SUA_INTERTEXTUALIDADE. Acesso em abril de 2016.

²⁸ Disponível em: https://www.academia.edu/3211789/HARRY_POTTER_EA_SUA_INTERTEXTUALIDADE. Acesso em abril de 2016.

²⁹ Disponível em: https://www.academia.edu/3211789/HARRY_POTTER_EA_SUA_INTERTEXTUALIDADE. Acesso em abril de 2016.

corrente, cujas pontas estavam presas nas imensas mãos de Hagrid, que entrou correndo no picadeiro atrás dos bichos.
 [...] – Hipogrifos! – bradou Hagrid alegremente, acenando para eles. – Lindos, não acham? [...]
 – Agora, a primeira coisa que precisam saber sobre os hipogrifos é que são muito orgulhosos – explicou Hagrid. – Se ofendem com facilidade, os hipogrifos. Nunca insultem um bicho desses, porque pode ser a última coisa que vão fazer na vida. (ROWLING, 2000 c, p 87-88)

Além desses seres do mundo animal, Rowling trouxe para a narrativa o Patrono. Originário da mitologia indígena norte-americana, os *skin-walkers*, como já citado, é um feitiço capaz de produzir um escudo em forma de animal, incorpóreo, uma forma de luz. Cada bruxo tem seu próprio patrono, que condiz com a personalidade de quem o criou. Ele é criado através de boas lembranças. Um fato curioso que aparece em *Harry Potter e as relíquias da morte* é a revelação do patrono do professor Snape ser o mesmo patrono de Lilian Evans, mãe de Harry. Os dois tinham o mesmo patrono e Lilian era a lembrança feliz de Severo.

Alguns nomes dos personagens também dialogam com outros textos. A família Malfoy tem o sobrenome derivado da palavra latina *malefitus*, que quer dizer fazedor do mal. O pai, Lúcio, é bastante parecido com Lúcifer, que significa diabo. A mãe, Narcisa, tem origem no mito grego do jovem Narciso, bastante conhecido, que morreu pela vaidade, amaldiçoado a se apaixonar por si próprio. O filho, Draco, sugere o nome Drácula ou ainda dragão ou serpente.

O nome da professora Minerva McGonagall foi inspirado na mitologia romana, significa deusa da sabedoria, sugerindo que a personagem prefere calma e a sabedoria à força. A tia de Harry, Petúnia, possivelmente teve o nome associado à flor Petúnia, porque simboliza a raiva e a inveja, tal como a tia se sentia em relação à irmã Lílian, quando esta descobriu que era bruxa.

Já o primeiro nome de Remo Lupin provém de um dos fundadores do Império Romano, que também se chamava Remo e que foi, conforme a mitologia, criado por lobos, e Lupin significa lobo, duplicando o significado – o que é muito pertinente, pois Lupin é um lobisomem. O amigo de Lupin e padrinho de Harry, Sirius Black, teve o nome Sirius associado a uma estrela de Cão Maior, que significa “estrela do cão”. Sirius era um animago e podia se transformar em cachorro. Outro exemplo é o nome de Voldemort, o vilão da história, que recebeu este nome por significar “voo da morte”, em francês – *vol de mort*.

Outras relações se dão por associação entre acontecimentos. Por exemplo, o mundo bruxo também passou por duas guerras, a primeira quando Harry nasceu e a

segunda quando o mesmo aniquilou seu rival. Também o aniversário do protagonista se dá no mesmo dia de sua criadora, Joanne Kathleen Rowling, dia 31 de julho. Há também uma série de fatos que são retomados num curto espaço de tempo em *Harry Potter e as relíquias da morte*; quando Harry, Rony e Hermione atravessam o pátio em direção à ponte. Nesse trajeto, o trio se depara com um gigante que tenta atacá-los, aranhas gigantes correndo em sua direção, presenciam o ataque de um lobisomem à amiga Lilá Brown e por último defrontam-se com um exército de dementadores. O intertexto aqui se dá pela retomada de acontecimentos passados. O gigante é a releitura do trasgo que o trio enfrentou em *Harry Potter e a pedra filosofal*, as aranhas são os filhos de Aragogue, vistos em *Harry Potter e a câmara secreta*, o lobisomem e os dementadores se referem ao terceiro livro *Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban*.

4 A SAGA E UM LIVRO DE CONTOS

A autora de *Harry Potter* não se limitou aos sete livros. Escreveu outros três, que tiveram o lucro revertido para caridade, sendo um deles um livro de fábulas para bruxos. Intitulado *Os contos de Beedle, o bardo*, o livro teria, como recolha de histórias orais, o objetivo de trazer ensinamentos morais para as crianças de forma lúdica. A última narrativa, “O conto dos três irmãos” é objeto do presente estudo.

4.1 Os contos de Beedle, o bardo

Os contos de Beedle, o bardo é um livro de contos infantis do mundo bruxo, assim definido por Xenofílio Lovegood: “Isso é uma história para crianças, contada para divertir, e não para instruir” (ROWLING, 2007, p. 301). Ele é assinado também por J.K.Rowling. Além desse, a autora escreveu também *Quadribol através dos séculos* e *Animais fantásticos e onde habitam*. Estas duas últimas obras tiveram a renda da publicação revertida para a Comic Relief, enquanto a de *Os contos de Beedle, o bardo* foram em prol da Lumus.

Além de “O conto dos três irmãos” que apresentarei, há no livro outras quatro histórias, começando por “O bruxo e o caldeirão” saltitante, narrativa em que um velho mago cura doenças e simples dores dos trouxas. Quando o mago morre, deixa apenas o caldeirão e dentro dele um sapato e um bilhete para o único filho. Este, furioso, tenta várias vezes se desfazer do caldeirão, mas em vão. Uma senhora procura-o, pois a neta se encontrava infestada de verrugas. O rapaz bate à porta na cara da velha e, neste instante, ouve um estrondo na cozinha, onde o caldeirão havia se enchido de verrugas. Onde quer que o jovem fosse, o caldeirão saltitava atrás. No dia seguinte, foi procurado por um senhor que havia perdido seu burro. Novamente o feiticeiro bateu a porta na cara do velho. O caldeirão passou a relinchar. Vizinhos e pessoas da redondeza o procuravam buscando cura, enquanto o jovem bruxo os mandava embora.

Até que, como mágica, ele recebe cada vez mais visitantes e, vencido pelo cansaço, decide dar continuidade ao legado do pai. Passa a curar um por um e, ao fazer isso, o caldeirão começa a esvaziar. Quando se esvazia por completo, aparece um misterioso sapato que se encaixa no seu pé. Assim, o mago o põe e os dois saem a saltitar juntos.

A seguir, o conto “A fonte da sorte” fala de uma fonte que recebia bruxos e bruxas das mais longínquas aldeias sempre durante o dia mais longo do ano, por prometer sorte eterna a quem superasse os obstáculos e conseguisse se banhar nas suas

águas milagrosas. Certo dia, três bruxas se encontraram na fila e, conversando, decidiram que aquela que fosse escolhida seguraria a mão da outra, e esta outra a mão da terceira. Assim aconteceu. Mas a terceira havia se enroscado na armadura de um pobre cavaleiro, arrastando-o junto com elas.

Já dentro do bosque, encontraram o primeiro obstáculo, um monstro verminoso, inchado e cego. A primeira bruxa chorou e o verme, bebendo as lágrimas, desapareceu, liberando o caminho. O segundo obstáculo pedia que ofertassem frutos do trabalho, e a segunda bruxa deixava pingar o suor da testa, e assim puderam seguir caminho. Finalmente avistaram a fonte, mas havia uma pedra no riacho. A rocha pedia um tesouro do passado de cada um dos quatro ali presentes. A terceira bruxa deixou que as águas levassem o amor que ainda sentia pelo amado que um dia a tinha abandonado. Prontamente, conseguiram seguir pelo caminho.

Chegaram à fonte, mas precisavam decidir quem iria se banhar. Mas as bruxas haviam descoberto que conseguiam resolver seus problemas sem a ajuda da fonte, e assim quem se banhou foi o Cavaleiro.

O terceiro conto, “O coração peludo do mago”, conta a história de um rei que, através da Arte das Trevas, tira o coração do próprio corpo e guarda num calabouço, para não sofrer por amor. Mas ele conhece uma linda bruxa, e ela lhe diz que se casaria somente se ele a amasse com o coração. O bruxo a leva ao calabouço e mostra o coração, guardado ali dentro. Horrorizada, ela pede que o mago reponha o órgão. Ele o faz e se abraçam. Mas o coração é furado pela beleza da pele da princesa. O bruxo queria colocar o coração da jovem no lugar do velho coração, mas este, velho, não queria sair do corpo de novo. O mago, jurando nunca ser dominado pelo próprio coração, agarra um punhal e corta o próprio peito, morrendo junto à donzela.

A penúltima narrativa, “Babbity, a coelha e seu toco gargalhante”, nos conta a história de um rei que queria ser mágico e eliminar todos os bruxos e bruxas, para que ele pudesse ser o mais poderoso entre todos. Para tanto, ele contratou um homem que prometeu lhe ensinar magia.

Babbity, a lavadeira do rei, viu o contratado quebrar um galho de uma árvore e entregá-lo ao rei como se fosse uma varinha mágica. O charlatão disse ao rei que a varinha somente lhe obedeceria quando Sua Majestade fosse merecedora. Enquanto praticavam magia, ouviram Babbity, que assistia de sua casa, rindo. Furioso, o rei manda que o charlatão lhe ensine uma mágica de verdade ou seria decapitado.

O falso mágico vai à casa da lavadeira para se vingar e a vê limpando uma varinha, enquanto os lençóis se lavavam sozinhos. Descoberto o segredo, o falsário obriga Babbity a ajudá-lo, escondendo-se atrás de um arbusto e conjurando os feitiços; assim, quem visse pensaria que o vigarista estaria realizando as mágicas.

Na manhã seguinte, na frente de todos, o rei deveria ressuscitar um cão. Enquanto Sua Majestade apontava para o cachorro e nada acontecia, Babbity ria escondida numa moita. O falso mágico acusou a lavadeira de estar bloqueando sua magia. A lavadeira correu e fugiu para dentro de uma árvore velha. Então todos pensaram que ela havia se transformado em árvore, e Sua Majestade ordenou que a cortassem.

Quando a árvore estava no chão e todos retornavam ao castelo, ouviram uma gargalhada vinda do toco. Babbity contou que o mago era, na verdade, um charlatão e rogou que cada vez que o rei fizesse alguma maldade com os bruxos, ela refletiria como uma machadada no corpo, até que ele morresse.

O rei foi obrigado a construir uma estátua de ouro em homenagem à lavadeira. E enquanto as pessoas ali presentes iam voltando para o castelo, uma coelha velha e bigoduda saiu de dentro do toco, saltitando pelo jardim para bem longe. Nunca mais os bruxos foram perseguidos naquele reino.

A última narrativa é “O conto dos três irmãos” e apresenta a história de três irmãos que precisam atravessar um rio. Para isso unem sua magia e constroem uma ponte, ao que lhes surge diante dos olhos A Morte. Insultada com a esperteza dos homens, ela decide dar a cada um uma espécie de recompensa que, só ela sabe, não é bem um presente.

– Suponho que estejam familiarizados com “O conto dos três irmãos”?

Harry respondeu que não, mas tanto Rony quanto Hermione responderam afirmativamente.

Xenofflio assentiu, sério.

- Ora, muito bem, Sr. Potter, tudo começa com “O Conto dos três irmãos”... tenho um exemplar aqui em algum lugar...

Ele correu os olhos pela sala, procurando-o nas pilhas de pergaminhos e livros, mas Hermione interrompeu-o:

- Tenho o conto, Sr. Lovegood, trouxe-o comigo. – E ela tirou *Os contos de Beedle, o bardo* da bolsinha de contas.

- O original? – perguntou Xenofílio vivamente, e, quando a garota confirmou, ele disse: - Então por que não o lê em voz alta? É o melhor meio de assegurar que todos entendemos.

- Ah... está bem – disse Hermione, nervosa. Abriu o livro e Harry viu que o símbolo que estavam pesquisando encimava a página; ela pigarreou e começou a ler:

- Era uma vez três irmãos que estavam viajando por uma estrada deserta e tortuosa ao anoitecer... (ROWLING, 2007, p. 298)

O irmão mais velho pediu a varinha mais poderosa de todas. A Morte presenteou-o com uma varinha feita de sabugueiro. O segundo irmão decidiu pedir o poder de restituir a vida aos que a Morte levava. Então a Morte deu ao segundo irmão uma pedra dizendo-lhe que esta tinha o poder de ressuscitar os mortos. A Morte dirigiu-se então ao terceiro, o mais humilde e mais sábio entre os irmãos, que não confiou na Morte. Ele pediu apenas que pudesse sair daquele lugar sem ser seguido por ela. A Morte, de má vontade, lhe entregou a própria Capa da Invisibilidade.

O primeiro irmão viajou até chegar a uma aldeia distante, procurou um bruxo com quem tivera desavenças no passado e, armado com sua poderosa varinha, matou-o. Em seguida, dirigiu-se a uma estalagem, onde se gabou da varinha que ganhara da própria Morte. Na mesma noite, outro bruxo roubou a varinha e, para garantir, cortou a garganta do irmão mais velho: “Assim a Morte levou o primeiro irmão.” (ROWLING, 2008, p. 89).

O segundo irmão viajou para casa, virou três vezes a pedra que tinha o poder de ressuscitar os mortos e, para sua surpresa, a figura da moça com quem um dia tivera esperança de se casar antes de sua morte precoce surgiu à sua frente. Mas ela estava fria e separada dele por um véu; seu lugar não era ali, e ela sofria. Enlouquecido, matou-se para poder se unir a ela, e “Assim, a Morte levou o segundo irmão.” (ROWLING, 2008, p. 90).

Por muitos anos, a Morte procurou o terceiro irmão, mas jamais conseguiu encontrá-lo. Somente quando ele atingiu uma idade avançada despiu a Capa da Invisibilidade e deu-a de presente ao filho. Assim, o mais moço dos irmãos acolheu a Morte como uma velha amiga, e, iguais, partiram desta vida.

O livro é descrito como um conto de fadas popular para crianças bruxas, assim como para nós, trouxas, existem *Branca de Neve e os Sete Anões*, *Chapeuzinho Vermelho* e tantos outros. Cada história é dotada de caráter mágico e moral.

– “Para a sra. Hermione Granger, deixo o meu exemplar de *Os contos de Beedle, o bardo*, na esperança de que ela o ache divertido e instrutivo.”

Scrimgeour apanhou, então, na bolsa um livrinho que parecia tão antigo quanto o *Segredos das artes mais tenebrosas*. A encadernação estava manchada e descascando em alguns pontos. Hermione recebeu-o do ministro em silêncio. Segurou o livro no colo e contemplou-o. Harry viu que o título estava escrito em runas; mas nunca tinha aprendido a lê-las. Enquanto ele observava, uma lágrima caiu sobre os símbolos gravados em relevo. (ROWLING, 2007, p. 97)

- Bah, essa história é uma dessas coisas que se conta às crianças para ensinar lições de vida, não é? Não saia procurando encrenca, não compre brigas, não mexa com coisas que é melhor deixar em paz! Mantenha a cabeça abaixada, cuide de sua vida e você viverá bem. Pensando bem – acrescentou Rony. (ROWLING, 2007, p. 304)

Os contos trazem elementos do universo maravilhoso e costumam revelar mais do que uma história para dormir. Através dos contos, principalmente os contos de fadas, é que, indiretamente e de forma lúdica, porque através do simbólico, as crianças compreendem a estrutura do mundo, as relações humanas e o conflito entre bem e mal.

4.2 Harry Potter em “O conto dos três irmãos”

Como já mostramos, J.K. Rowling escreveu três livros ficcionais que são citados na história: *Quadribol através dos séculos*, publicado em 2001 sob o pseudônimo de Kennilworthy Whisp, *Animais fantásticos e onde habitam*, também publicado em 2001, como Newt Scamander, ambos personagens que habitam o universo potteriano. Este último será lançado nos cinemas ainda neste ano de 2016, sob a direção da própria escritora. Já o livro *Os contos de Beedle, o bardo* é assinado pela própria J.K. Rowling e publicado em 13 de dezembro de 2007.

Para alívio dos fãs, a autora resolveu publicar a coletânea de contos que não apenas era citada no mundo bruxo como era um elemento importante da trama. No universo da saga, o livro surge apenas no sétimo e último livro, como um livro de contos de fadas do mundo bruxo que é herdado por Hermione de Dumbledore, como já mostramos, para que ela justamente pudesse entender o que estava acontecendo e ajudar Harry em sua missão. O último dos contos é, assim, crucial para a compreensão dos acontecimentos que sustentam a trama, ligados ao poder e aos objetivos de Dumbledore.

Os quatro personagens deste conto podem ser associados aos personagens da saga *Harry Potter*. O irmão mais velho seria Voldemort, bruxo ávido por poder, que deseja ser o maior e mais poderoso entre eles e, para isso, mata quem se recusa a ser fiel. Seus objetivos são de fazer proliferar os sangues puros, eliminar os sangues-ruins e adquirir a imortalidade. É temido no mundo bruxo a ponto de ser conhecido como Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado ou Você-Sabe-Quem, pois todos têm medo de pronunciar seu nome.

Voldemort, ou Tom Servolo Riddle, é descendente por parte de mãe do primeiro irmão do conto, Antíoco Peverell, e herdou dele a vontade de duelar e a ambição pelo poder. Já por parte do pai, Tom é da família Gaunt, que é descendente de Salazar Slytherin, um dos fundadores de Hogwarts.

“Bem, chegou o início do ano escolar e com ele veio Tom Riddle, um garoto quieto, com vestes de segunda mão, que se enfileirou com os outros calouros para a Seleção. Quase no instante em que o Chapéu Seletor tocou sua cabeça, ele foi colocado na Sonserina”, continuou Dumbledore, indicando com a mão escurecida a prateleira acima de sua cabeça onde estava o Chapéu Seletor,

antigo e imóvel. “Não sei em que momento Riddle soube que o famoso fundador da Casa era capaz de falar com as cobras, talvez naquela mesma noite. Este conhecimento só pode tê-lo alvoroçado e incentivado o seu senso de importância.” (ROWLING, 2005, p. 261)

Riddle, de acordo com o Professor Horácio Slughorn, fora um aluno brilhante e nunca manifestara nenhum sinal de arrogância ou agressividade, não havia como saber que este se tornaria um bruxo tão maligno. Foi com este professor que Tom esclareceu suas dúvidas a respeito da divisão das almas em partes através do feitiço das Horcruxes³⁰. Nem mesmo assim, Horácio ousou crer no perigo que o mundo bruxo estava por conhecer.

A sede de poder de Riddle era insaciável, e como forma de se tornar imortal enquanto não possuía a Varinha das Varinhas, transformou sua alma em Horcruxes antes de ser derrotado por Harry ainda bebê. Anos mais tarde, com a ajuda do professor Quirrell, Voldemort investe contra o menino numa tentativa de se apoderar da pedra filosofal, artefato que o ajudaria a se tornar imortal.

-Não seja tolo – rosnou o rosto. – É melhor salvar sua vida e se unir a mim... ou vai ter o mesmo fim de seus pais... Eles morreram suplicando piedade...
- MENTIRA! – gritou Harry inesperadamente.

Quirrell estava andando de costas para ele, de modo que Voldemort pudesse vê-lo. O rosto malvado sorria agora.

- Que comovente... – sibilou. – Sempre dei valor à coragem... É, menino, seus pais foram corajosos... Matei seu pai primeiro e ele me enfrentou com coragem... mas sua mãe não precisava ter morrido... estava tentando protegê-lo... Agora me dê a pedra, a não ser que queira que a morte dela tenha sido em vão.

- NUNCA! (ROWLING, 2000 a, p. 212)

No ano seguinte, o bruxo das trevas surge através de uma lembrança de seu antigo diário. O diário foi a primeira horcrux a ser destruída. Dois anos mais tarde, retoma forma física através de um poderoso feitiço que levava o sangue de Harry. Três anos depois Voldemort dá a missão de matar Dumbledore a Draco Malfoy. Sem Dumbledore a proteger Harry, o caminho até o garoto seria mais fácil.

Com a morte do diretor, o vilão vai até o túmulo e rouba a Varinha das Varinhas pensando que assim esta lhe obedeceria. O que Voldemort não sabia era que Draco desarmara Alvo momentos antes de sua morte – sendo assim, a varinha pertencia a Draco, e não a Snape, mesmo que este tivesse assassinado Dumbledore. Ele não tinha

³⁰Horcrux: é um feitiço proibido. É preciso que o bruxo mate alguém e insira sua alma no objeto. Voldemort criou sete Horcruxes: o próprio diário, o anel de sua família, o medalhão de SalazarSlytherin, a taça de Hufflepuff, o diadema de Ravenclaw, sua cobra Nagini e Harry. Harry foi uma Horcrux que Voldemort nunca quis criar.

ROWLING, Joanne Kathleen. *Harry Potter e o enigma do príncipe*. Tradução Lia Wyler. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

conhecimento também que Harry desarmara Draco na mansão dos Malfoy. A varinha entregou sua lealdade a Potter naquele exato momento. O desejo pela varinha das varinhas é a principal motivação para que pensemos em Voldemort como o primeiro irmão do conto.

Momentos antes de derrotar o bruxo das trevas, Harry revela a Voldemort alguns detalhes sobre a ligação entre eles. Voldemort não conseguira matá-lo quando bebê, pois Lilian o protegeu com amor, um sentimento desconhecido para o lord, e uma magia que ele não era capaz de entender. A segunda foi a escolha de Dumbledore pela própria morte: o diretor, que estava desenganado pelo feitiço do anel, pediu que Snape o matasse, pois julgou que Draco não seria capaz de fazê-lo. E a terceira, que o verdadeiro detentor da varinha das varinhas era o próprio Potter, já que o menino havia desarmado Draco em outra ocasião na casa dos Malfoy:

- Você não está prestando atenção? *Snape nunca derrotou Dumbledore!* A morte de Dumbledore foi planejada pelos dois! Dumbledore pretendia morrer sem ser derrotado, o último e verdadeiro senhor da varinha! Tudo correu conforme ele planejou, o poder da varinha morreria com ele, porque jamais foi arrebatada de suas mãos!

- Mas então, Potter, Dumbledore praticamente me entregou a varinha! – A voz de Voldemort tremeu de malicioso prazer. – Roubei a varinha do túmulo do seu último senhor! Retirei-a, contrariando o desejo do seu último senhor! O seu poder é meu!

- Você ainda não entendeu, não é, Riddle! Possuir a varinha não é o suficiente! Empunhá-la, usá-la, não a torna realmente sua. Você não escutou o que Olivaras disse? *A varinha escolhe o bruxo...* A Varinha das Varinhas reconheceu um novo senhor antes de Dumbledore morrer, alguém que jamais tinha posto a mão nela. O novo senhor tirou a varinha de Dumbledore contra sua vontade, sem perceber exatamente o que tinha feito, ou o que a varinha mais perigosa do mundo lhe dedicara a sua fidelidade...

O peito de Voldemort subia e descia rapidamente, e Harry sentiu a maldição a caminho, sentiu-a crescer no cerne da varinha apontada para o seu rosto.

- O verdadeiro senhor da Varinha das Varinhas era Draco Malfoy. [...]

– Então, a questão se resume nisso, não é? – sussurrou Harry. – Será que a varinha em sua mão sabe que o seu último senhor foi desarmado? Porque se sabe... eu sou o verdadeiro senhor da Varinha das Varinhas. (ROWLING, 2007, p. 539)

O segundo irmão do conto, Cadmo Peverell, traz paralelos com o professor Severo Snape. Snape é professor de Hogwarts e desde o primeiro livro passa a impressão de desgosto por Harry. Assim como o irmão do meio, o professor de Poções havia sido separado de sua amada pela morte. Severo era apaixonado por Lilian Evans, mãe de Harry, desde a adolescência, ou desde que se conheceram. Foi o personagem que mais amou e menos demonstrou.

Snape guardou o amor por Lilian e o sofrimento por sua morte em segredo por toda a vida, vindo a revelá-lo a Harry somente à beira da morte. A ligação com a mãe de Harry era tão forte que os dois tinham o mesmo patrono, uma corça.

-Ora, isso é comovente, Severo! – exclamou Dumbledore, sério. – Você acabou se afeiçoando ao menino, afinal?

- A ele? – gritou Snape. – *Expecto Patronum!*

Da ponta de sua varinha irrompeu a corça prateada: ela pousou, correu pelo assoalho do gabinete e saiu voando pela janela. Dumbledore observou-a se afastando pelos ares e, quando seu brilho prateado se dissipou, ele se dirigiu a Snape e seus olhos estavam cheios de lágrimas.

- Depois de todo esse tempo?

- Sempre – respondeu Snape. (ROWLING, 2007, p. 500-501)

O patrono é uma energia positiva que está ligada aos sentimentos de quem o conjura, quando conjurado de forma correta tem a forma de um animal prateado. Para conjurar o feitiço do patrono, o bruxo precisa focar em uma lembrança feliz e, curiosamente, a lembrança feliz de Snape era Lilian. Este fato era desconhecido até para Dumbledore.

- O filho dela sobreviveu – ressaltou Dumbledore.

Com um brusco e quase imperceptível aceno da cabeça, Snape pareceu espantar uma mosca irritante.

- O filho sobreviveu. Tem os olhos dela, exatamente os mesmos. Você certamente se lembra da forma e da cor dos olhos de Lilian Evans, não?

- NÃO! – berrou Snape. – Se foi... Morreu...

- Isso é remorso, Severo?

- Eu gostaria... gostaria que *eu* é que estivesse morto...

- E que utilidade isso teria para alguém? – perguntou Dumbledore, friamente.

- Se você amou Lilian Evans, se você a amou verdadeiramente, então o seu futuro é cristalino.

Snape parecia espiar através de uma névoa de dor, e as palavras de Dumbledore levaram um longo tempo para alcançá-lo.

- Como... como assim?

- Você sabe como e por que ela morreu. Empenhe-se para que não tenha sido em vão. Ajude-me a proteger o filho de Lilian.

-Ele não precisa de proteção. O Lorde das Trevas se foi...

- ...o Lorde das Trevas retornará, e Harry correrá um perigo terrível quando isso ocorrer.

Fez-se uma longa pausa e lentamente Snape recuperou o controle, normalizou sua respiração. Por fim, disse:

- Muito bem. Muito bem. Mas jamais, jamais revele isso, Dumbledore! Isto deve ficar entre nós! Jure! Não posso suportar... particularmente o filho de Potter... Quero sua palavra!

- Dou a minha palavra, Severo, de que jamais revelarei o que você tem de melhor. (ROWLING, 2007, p. 494)

O professor ajudou secretamente Harry duas vezes através do patrono. A primeira vez, quando aos 13 anos o garoto espantara centenas de dementadores. Potter primeiramente imaginou que o finado pai havia conjurado o animal, mas depois pensou que ele mesmo havia concluído o feitiço, enquanto que na verdade era Snape. A segunda vez, quando acampado com a amiga Hermione na Floresta do Deão montando

guarda fora da barraca, vira uma corça prateada que o guiou até o poço coberto de gelo. No fundo do poço jazia a espada de Gryffindor que ele tanto buscava, porque seria uma das horcruxes.

Assim que Snape viu o pequeno Potter, reconheceu os olhos de Lílian, porém nunca demonstrou afeição ao garoto. Muito pelo contrário, o próprio menino passa a história toda pensando que o professor quer prejudicá-lo ou puni-lo devido às humilhações que Tiago Potter, o pai de Harry, o fizera passar.

- Tudo certo, Ranhoso? – falou Tiago em voz alta.

Snape reagiu tão rápido que parecia estar esperando um ataque: deixou cair a mochila, meteu a mão dentro das vestes e sua varinha já estava metade para fora quando Tiago gritou:

- *Expelliarmus!*

A varinha de Snape voou quase quatro metros de altura e caiu com um pequeno baque no gramado às suas costas. Sirius soltou uma gargalhada.

- *Impedimenta!* – disse, apontando a varinha para Snape, que foi atirado no chão ao mergulhar para recuperar a varinha caída.

Os estudantes ao redor se viraram para assistir. Alguns haviam se levantado e foram se aproximando. Outros pareciam apreensivos, ainda outros, divertidos.

Snape estava no chão, ofegante. Tiago e Sirius avançaram empunhando as varinhas, Tiago, ao mesmo tempo espiando por cima do ombro as garotas à beira do lago. Rabicho se levantara assistindo à cena avidamente, contornando Lupin para ter uma perspectiva melhor.

- Como foi o exame, Ranhoso? – perguntou Tiago.

- Eu vi, o nariz dele estava quase encostando no pergaminho – disse Sirius maldosamente. – Vai ter manchas enormes de gordura no exame todo, não vão poder ler nem uma palavra.

Várias pessoas que acompanhavam a cena riram; Snape era claramente impopular. Rabicho soltava risadinhas agudas. Snape tentava se erguer, mas a azaração ainda o imobilizava; ele lutava como se estivesse amarrado por cordas invisíveis.

- Espere... para ver – arquejava, encarando Tiago com uma expressão de mais pura aversão -, espere... para ver!

- Espere para ver o quê? – retrucou Sirius calmamente. – Que é que você vai fazer, Ranhoso, limpar o seu nariz em nós?

Snape despejou um jorro de palavrões e azarações, mas com a varinha a três metros de distância nada aconteceu.

- Lave sua boca – disse Tiago friamente. – *Limpar!*

Bolhas de sabão cor-de-rosa escorrem da boca de Snape na hora; a espuma cobriu seus lábios, fazendo-o engasgar, sufocar... [...]

Mas tarde demais; Snape tinha apontado a varinha diretamente para Tiago; houve um lampejo e um corte apareceu em sua face, salpicando suas vestes de sangue. Ele girou: um segundo lampejo depois, Snape estava pendurado no ar de cabeça para baixo, as vestes pelo avesso revelando pernas muito magras e brancas e cuecas encardidas.

Muita gente na pequena aglomeração aplaudiu: Sirius, Tiago e Rabicho davam gargalhadas. (ROWLING, 2003, p. 524-526)

Entretanto, muitos leitores, em *sites*³¹ espalhados pela internet, apresentam especulações e curiosidades a respeito da forma como Severo demonstra lembrar carinhosamente da amada. Lê-se que a tradução das primeiras palavras do professor ao garoto, na verdade são um lamento pela morte de Lílian.

-Potter! – disse Snape de repente. – O que eu obteria se adicionasse raiz de asfódelo em pó a uma infusão de losna?

Raiz do quê em pó a uma infusão do quê? Harry olhou para Rony, que parecia tão embatucado quanto ele; a mão de Hermione se ergueu no ar.

- Não sei, não senhor – disse Harry. (ROWLING, 2000 a, p. 103)

Asfódelo é um tipo de lírio, que em inglês significa “lily”. Lily é o nome de Lílian nas edições americanas de *Harry Potter*. Conforme o dicionário Victorian Flower Language³² (1868, p. 144-149) (dicionário Vitoriano de Flores, em tradução livre), a tradução para a simbologia da flor *lily* é “meus arrependimentos vão te seguir até o túmulo”. Já a losna indica ausência, representando tristeza e solidão. Severo Snape assim representa o segundo irmão por colocar acima de tudo o amor por sua amada.

O terceiro irmão do conto seria o próprio Harry Potter, o garoto maravilhoso e corajoso, pois o mais jovem irmão do conto, Ignoto Peverell, abraça a morte “como uma velha amiga”, e foi o que Harry fez. Após Voldemort matar Snape e Harry descobrir a verdade sobre o passado do professor, o vilão convoca o jovem bruxo até a floresta para se entregar e aceitar seu destino, a morte.

- Eu me dirijo agora diretamente a você, Harry Potter. Você permitiu que os seus amigos morressem por você em lugar de me enfrentar pessoalmente. Esperarei uma hora na Floresta Proibida. Se ao fim desse prazo, você não tiver vindo ao meu encontro, não tiver se entregado, então a batalha recomeçará. Desta vez eu participarei da luta, Harry Potter, e o encontrarei, e castigarei até o último homem, mulher e criança que tentou escondê-lo de mim. Uma hora. (ROWLING, 2007, p. 480)

Por momentos o jovem sentiu medo, mas ao pensar em todos os amigos que morreram lutando contra as forças das trevas e ainda naqueles que ainda viviam e permaneciam lutando, Harry decide ir.

Semelhante à chuva, batendo em uma janela fria, esses pensamentos tamborilavam na superfície dura da verdade incontrovertida: ele devia morrer. Eu devo morrer. Isto deve findar. (ROWLING, 2007, p. 504)

Harry já havia escapado da morte outras vezes. Já no primeiro ano na escola de magia e bruxaria, o jovem duelou com o Lord das Trevas, escapando dela. Neste mesmo ano, o jovem encontrou aos pés da árvore de natal um embrulho contendo a Capa da invisibilidade, deixada por seu pai. A mesma capa foi dada pela Morte a Ignoto Peverel.

³¹ Disponível em: <http://br.ign.com/cinema-tv/11582/news/harry-potter-as-primeiras-palavras-de-snape-significam-mais> Acesso em 16 de maio de 2016.

³² Disponível em: <http://purl.pt/13929/3/#/144>. Acesso em maio 2016.

Há, a partir disso, uma interpretação de que Harry poderia ser inclusive descendente dos Peverel, já que a capa permanecia na sua família, como explicaremos em seguida.

Restava apenas um embrulho. Harry apanhou-o e apalpou-o. Era muito leve. Desembrulhou-o.

Uma coisa sedosa e prateada escorregou para o chão onde se acomodou em dobras refulgentes. Rony soltou uma exclamação.

- Já ouvi falar nisso – disse em voz baixa, deixando cair a caixa de feijõezinhos de todos os sabores que ganhara de Hermione. – Se isso é o que eu penso que é, é realmente raro e *realmente* valioso.

- E o que é?

Harry apanhou o pano brilhoso e prateado do chão. Tinha uma textura estranha, parecia tecida com fios de água.

-É uma capa da invisibilidade – disse Rony, com uma expressão de assombro no rosto. – Tenho certeza de que é. Experimente.

Harry jogou a capa em volta dos ombros e Rony deu um berro.

- É, sim! Olhe para baixo!

Harry então olhou para os pés, mas eles tinham desaparecido. Correu então para o espelho. Não deu outra, o espelho refletiu sua imagem, só a cabeça suspensa no ar, o corpo completamente invisível. Ele cobriu a cabeça e a imagem desapareceu completamente. (ROWLING, 2007, p. 174)

No ano seguinte, a lembrança de Tom, impregnada num velho diário, tenta matar o pequeno bruxo. No quarto ano, Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado ressurgiu de um poderoso feitiço e novamente ataca o garoto. No quinto ano, o Lord investiu ainda mais ardidamente contra o menino; através da Legilimência, entrou na mente de Harry para extrair sentimentos.

O irmão mais novo dos Peverel é caracterizado por sua humildade e, em todos os momentos, Harry se vestiu de coragem e bravura e nunca deixou de lado a humildade, característica reconhecida entre duendes e elfos. Potter resgatara o duende Grampo da mansão dos Malfoy, libertara o elfo Dobby da mesma família e quando o querido elfo tivera uma adaga cravada em seu pequeno peito vindo a morrer, Harry cavara uma sepultura para enterrá-lo sem ajuda de magia. Estas qualidades também se fizeram presentes quando, ao fugir da Sala Precisa em chamas, ele volta para salvar Draco Malfoy, com quem tem uma desavença desde sua chegada a Hogwarts.

Então Harry ouviu um débil lamento humano no meio da terrível confusão, do rugido das chamas devoradoras.

- É... muito... perigoso! Berrou Rony, mas Harry fez meia-volta no ar. Seus olhos ofereciam aos seus olhos alguma proteção contra a fumaça, ele investigou a tempestade de fogo embaixo, procurando um sinal de vida, um membro ou um rosto que ainda não tivesse virado carvão como a madeira...

E ele os viu: Malfoy com os braços em volta do inconsciente Goyle, os dois empoleirados sobre uma frágil torre de escrivatinhas queimadas, e Harry mergulhou. Malfoy viu-o descendo, ergueu um braço, mas, no momento em que o agarrou, Harry percebeu que não adiantava: Goyle era pesado demais e a mão suada de Malfoy escorregou instantaneamente da dele... (ROWLING, 2007, p. 461)

O jovem bruxo foi o último possuidor das relíquias da morte, tendo recebido a capa como herança de seu pai, a pedra da ressurreição de Dumbledore através do pomo de ouro e a varinha das varinhas por conquista ao desarmar o antigo dono. A segunda relíquia ficou caída na Floresta Proibida antes de Potter se entregar a Voldemort, e a última o garoto quebrou para evitar que no futuro outros bruxos fizessem mau uso dela. Assim, como o irmão Peverel, ele desprezou o poder e a ambição.

A surpresa fica por conta do diretor de Hogwarts. Alvo Percival Wulfrico Brian Dumbledore em vários momentos é associado à Morte, pois Dumbledore além de tramar o confronto entre Harry e Voldemort, foi um dos possuidores das relíquias da morte.

- Então o garoto... o garoto deve morrer? – perguntou Snape, muito calmo.
- E é Voldemort quem deve matá-lo, Severo. Isto é essencial. Seguiu-se um longo silêncio. Então Snape falou:
- Pensei... todos esses anos... que nós o protegíamos por causa dela. De Lúlian.
- Nós o protegíamos porque era essencial que fosse ensinado, criado e pudesse experimentar a própria força – explicou Dumbledore, com os olhos ainda fechados. – Nesse meio-tempo, a ligação entre os dois foi crescendo, um crescimento parasitário: às vezes penso que Harry suspeita disso. Se bem o conheço, tomará providências para que, ao sair ao encontro da morte, isto represente, verdadeiramente, o fim de Voldemort. Dumbledore reabriu os olhos. Snape estava horrorizado.
- Você o manteve vivo para que pudesse morrer na hora certa?
- Não fique chocado, Severo. Quantos homens e mulheres você viu morrer? (ROWLING, 2007, p. 500)

A respeito das relíquias da morte, Dumbledore venceu um duelo contra Gerard Grindelwald, possuidor da Varinha das Varinhas, mas, quando seu dono é derrotado, a varinha passa a ser de quem desarmou aquele que a possui, ou seja, a varinha passou a pertencer a Dumbledore. Anos mais tarde, Tiago Potter deu a Capa da Invisibilidade para o diretor.

A capa passou de pai para filho ou de mãe para filha, durante séculos. A família Potter descende de um bruxo chamado Linfred de Stinchcombe, seu apelido “o Potterer”, que mais tarde passaria a ser “Potter”. O filho de Linfred, Hardwin, casou-se com uma jovem bruxa chamada Iolanthe Peverell, moradora de Godric’s Hollow e neta de Ignoto Peverell. Como não havia homens da família que pudessem herdar a capa, Iolanthe herdou-a.

A família Potter continuou a casar com alguns vizinhos, ocasionalmente trouxas, e um dos descendentes diretos de Hardwin, Henry Potter, ou Harry para os íntimos, casou-se e teve um filho, Fleamont Potter.

Foi Fleamont que multiplicou a riqueza dos Potter, mas nada compensou mais a ele e sua esposa Euphemia do que o nascimento de Tiago. Tiago casou com uma nascida-trouxa chamada Lílian Evans e herdou a capa da invisibilidade. Anos mais tarde, deu-a a Dumbledore, para que este a entregasse a Harry, quando a família precisou se esconder de Voldemort.

A Pedra da Ressurreição, última relíquia, fora colocada num anel que pertencia à família de Voldemort e transformada em horcrux. Dumbledore destruiu o anel e escondeu a pedra no pomo de ouro. Ou seja, o mago assim como a Morte, também possuiu as três relíquias. Outro fato que liga Dumbledore à morte é que, quando a horcrux que está em Harry é atingida e ele “morre”, encontra Dumbledore em outro plano, e é o próprio diretor quem diz a ele que ele pode escolher voltar.

O plano de destruir as horcruxes foi dado a Harry, pois, de acordo com a profecia feita pouco antes do seu nascimento, somente Harry tinha poder para aniquilar o vilão. A profecia dizia que

“Aquele com o poder de vencer o Lorde das Trevas se aproxima... nascido dos que o desafiaram três vezes, nascido ao terminar o sétimo mês... e o Lorde das Trevas o marcará como seu igual, mas ele terá um poder que o Lorde das Trevas desconhece... e um dos dois deverá morrer na mão do outro pois nenhum poderá viver enquanto o outro sobreviver... aquele com o poder de vencer o Lorde das Trevas nascerá quando o sétimo mês terminar.” (ROWLING, 2003, p. 680)

Previendo que a profecia se referisse a Potter, o diretor de Hogwarts mandou que o garoto encontrasse e destruísse todas as seis horcruxes. Todavia, não deu mais detalhes sobre onde encontrá-las ou como destruí-las. O próprio irmão de Alvo, Aberforth, julgava a tarefa uma missão suicida. Assim, quando Dumbledore deixa de herança o livro para Hermione ele tem esperanças de que a leitura do conto os auxiliasse a compreender a relação entre a varinha das varinhas, a pedra e a capa da invisibilidade, como forma de os capacitar a destruir o Lorde das Trevas.

Joanne Rowling não confirma se escreveu os protagonistas de *Harry Potter* para que se assemelhassem aos personagens do conto, ou se tudo não passou de uma feliz e brilhante coincidência. No entanto, ela se manifestou a favor da interpretação e, quando um leitor acrescentou a ideia de Dumbledore como A Morte, ela declarou concordar em seu Twitter: “Dumbledore as death. It’s a beautiful theory and it fits”(TWITTER, Perfil de J. K. Rowling, 2015).

5 CONCLUSÃO

“Conquistar leitores não é uma tarefa fácil”. Finalizo esta monografia com as mesmas palavras com que a iniciei. E posso afirmar que realmente não foi uma tarefa fácil, mas – também me repetindo – Rowling me presenteou com uma belíssima história que contribuiu muito para minhas escolhas, minhas buscas e meu desempenho como estudante e pesquisadora. Escolher um tema para uma pesquisa tão importante não é simples, principalmente quando ele tem de ser único - embora não soubesse exatamente o caminho que deveria seguir, eu me imaginava escrevendo sobre *Harry Potter*. Influenciada pela reportagem da revista Galileu, busquei reler o livro de contos e as sete obras da autora. E posso usar a mesma expressão dos personagens de Harry Potter: “Brilhante!”

Investigando o universo *potteriano*, de que sou fã, o presente trabalho teve o intuito de apresentar inicialmente as literaturas fantástica, estranha, maravilhosa e juvenil, e ainda de que maneira a história escrita pela britânica Joanne Kathleen Rowling se encaixa nestes gêneros.

No primeiro capítulo vimos que, com a divisão das literaturas infantis e juvenis, as histórias mudaram e se caracterizaram de diferentes formas, obedecendo às capacidades cognitivas, aos gostos e aos interesses de cada uma dessas fases. A literatura juvenil passou a agregar obras de aventura, policial, suspense e também o fantástico, pois o homem era representado como um herói, alguém com poderes sobrenaturais, mas agora diferentes das histórias mitológicas e dos contos de fadas. A série *Harry Potter* está muito próxima desse fantástico, que também envolve a capacidade de os homens não apenas se insurgirem contra forças do mal, mas se mostrarem capazes de vencê-las com suas habilidades.

A saga escrita por J.K. Rowling foi lida – e ainda é – por um público bastante amplo, mas a série foi inicialmente destinada às crianças e aos adolescentes. Isso é muito característico não apenas pela temática do maravilhoso e do enredo que envolve a escola, mas, sobretudo, porque o protagonista é um adolescente, causando identificação nos leitores jovens.

Em seguida, tomamos conhecimento do gênero fantástico, que é quando o leitor, embora inicialmente confuso, aceita que os elementos da história são de determinada natureza e fenômeno, também quando este leitor hesita perante acontecimentos

sobrenaturais conhecendo apenas as leis naturais. Muitas vezes são estes acontecimentos que instigam a leitura, porque provocam a curiosidade e a dúvida.

Em seguida, pensamos a série a partir do gênero estranho. Este gênero incita reações, geralmente as de medo, sentidas pelos personagens a partir do desconhecido e do inexplicável. Como o foco do narrador está em Harry, só se sabe aquilo que ele sabe, por isso, os acontecimentos deixam de ser estranhos para o protagonista e o leitor simultaneamente.

E por último o universo do gênero maravilhoso, vizinho à literatura fantástica, que traz relação com elementos dos contos de fadas e da mitologia, quando tratados como reais. A mitologia também está bastante presente no intertexto feito pela autora. Afinal, vários seres da mitologia estão presentes na narrativa, com outros nomes e outros significados, mas ainda construindo associações intertextuais.

Além da intertextualidade, vimos outras relações transtextuais. A paratextualidade, menos explícita e mais distante de um texto propriamente dito, como o título, subtítulo, notas de rodapé, etc. A metatextualidade, chamada mais corretamente de “comentário”, que une um texto a outro texto do qual ele fala, sem necessariamente citá-lo ou nomeá-lo; uma explicação da própria interpretação. A hipertextualidade, que trata das adaptações dos textos. A última relação transtextual é a arquitextualidade, que se dá, por exemplo, com o gênero da obra, se ela é considerada romance, poema, ensaio – apesar das dificuldades de se enquadrar alguns textos em determinados tipos gêneros. Essa relação é determinada pelos leitores, pela crítica e público geral.

No capítulo seguinte pudemos conhecer os *Contos de Beedle, o bardo*, que traz quatro histórias entre as quais uma é não apenas citada na narrativa, mas exerce sentido na trama. A relação intertextual que “O conto dos três irmãos” tem com a saga *Harry Potter* é que motivou este trabalho. Através do conto conhecemos os três irmãos, cada um com uma característica: o mais velho e sua ambição pelo poder; o do meio com o amor pela amada já falecida; e o mais jovem por sua humildade; e a Morte, possuidora das relíquias da morte.

Estas mesmas características podem ser vistas nos protagonistas da história *Harry Potter*. Voldemort, que desde o início da narrativa é considerado o vilão mais temido no mundo bruxo e traz uma predisposição para feitos malignos, deseja se tornar o dono da Varinha das Varinhas, tornando-se o bruxo mais poderoso, assim como o primeiro irmão do conto. Snape, professor da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, é como o segundo irmão do conto; guarda em segredo o amor por Lílian Evans, que já

não faz mais parte do mundo dos vivos. O jovem humilde e corajoso Harry Potter é o retrato do terceiro irmão; luta com bravura e defende seus amigos. Alvo Dumbledore pode ser comparado com a Morte, afinal o feiticeiro tinha conhecimento do suposto desfecho entre Harry e Voldemort, também fora o possuidor das relíquias da morte. Apesar de a autora não ter se posicionado a respeito desta teoria, não podemos negar que é fantástica, afinal, não é porque a imaginamos que não seja, para nós, leitores, verdadeira.

Busquei transmitir neste trabalho alegria, curiosidade, êxtase e emoção, assim como nossa querida Joanne Rowling o fez em 3.290 páginas e a produtora de filmes Warner Bros em quase 18 horas de filmes. Foram os quatro meses mais angustiantes e mágicos que pude imaginar viver, fantasiar e escrever, afinal como diria o próprio Alvo Dumbledore, no último filme intitulado *Harry Potter e as relíquias da morte Parte II*, quando na mente do garoto Harry Potter: “Palavras são, na minha nada humilde opinião, nossa inesgotável fonte de magia”.

REFERÊNCIAS

BORELLI, Silvia H. S.; FILHO, João Freire. *Culturas juvenis no século XXI*. São Paulo: Educ, 2008.

DICCIONARIO DA LINGUAGEM DAS FLORES. Lisboa. Typ. Lusitana 1868. - 1 v. Disponível em: <http://purl.pt/13929/3/#/144>. Acesso em maio 2016.

DISCINI, Norma. *Intertextualidade e conto maravilhoso*. 2 ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004.

DOMINGOS, Ana Cláudia Munari. *Hiperleitura e escreitura: Convergência digital, Harry Potter, cultura de fã*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.

FILHO, José Nicolau Gregorin. *Literatura juvenil: Adolescência, cultura e formação de leitores*. São Paulo: Melhoramentos, 2011.

FISCHER, Luís Augusto. Super Interessante: os 7 segredos de Harry Potter. *Super Interessante*, jan. 2004. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/cultura/os-7-segredos-de-harry-potter>>. Acesso em: 18 abr 2016.

GALASTRI, Luciana. Estante Galileu: essa teoria de fãs sobre o papel de Dumbledore no “Contos dos Três Irmãos” é apenas incrível. *Galileu*, ago. 2015. Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/blogs/estante-galileu/noticia/2015/08/essa-teoria-de-fas-sobre-o-papel-de-dumbledore-no-conto-dos-tres-irmaos-e-apanas-incrivel.html> . Acesso em: 26 set. 2015.

GENETTE, Gérard. *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*. Belo Horizonte: POSLIT /FALE/UFMG, 2003.

HELD, Jacqueline. *O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica*. Tradução Carlos Rizzi. 7 ed. São Paulo: Summus, 1980.

KHÉDE, Sônia Salomão. *Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico*. Petrópolis: Vozes, 1983.

LOTMAN, Yúri; USPENSKI, Bóris A. Sobre o mecanismo semiótico da cultura. In: LOTMAN, Yúri. *Ensaio de semiótica soviética*. Lisboa: Novo Horizonte, 1981. p. 37 – 66.

OSBORN, Alex. Overwatch: Harry Potter: as primeiras palavras de Snape significam mais do que você deve lembrar. 12 nov 2015. Disponível em: <<http://br.ign.com/cinema-tv/11582/news/harry-potter-as-primeiras-palavras-de-snape-significam-mais>>. Acesso em 16 de maio de 2016.

POTTERMORE. A história da magia na América do Norte. Disponível em:< <https://www.pottermore.com/collection-episodic/history-of-magic-in-north-america-br>>. Acesso em maio de 2016.

ROSA, Mariana Silveira dos Santos; SILVA, Michel Goulart da. “Do livro às telas: o fantástico em Harry Potter”. *Revista Anagrama*. São Paulo. Ano 3. 2ª ed. Dez.2009 -

Fev. 2010.
Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/anagrama/article/view/File/6769/6115>>. Acesso em: 28 abr 2016.

ROWLING, Joanne Kathleen. *Os contos de Beedle, o bardo*. Tradução Lia Wyler. 1 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

ROWLING, Joanne Kathleen. *Harry Potter e a pedra filosofal*. Tradução Lia Wyler. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

ROWLING, Joanne Kathleen. *Harry Potter e a câmara secreta*. Tradução Lia Wyler. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

ROWLING, Joanne Kathleen. *Harry Potter e o prisioneiro de azkaban*. Tradução Lia Wyler. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

ROWLING, Joanne Kathleen. *Harry Potter e o cálice de fogo*. Tradução Lia Wyler. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

ROWLING, Joanne Kathleen. *Harry Potter e a ordem da fênix*. Tradução Lia Wyler. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

ROWLING, Joanne Kathleen. *Harry Potter e o enigma do príncipe*. Tradução Lia Wyler. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

ROWLING, Joanne Kathleen. *Harry Potter e as relíquias da morte*. Tradução Lia Wyler. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

SCAMANDER, Newt [J.K. Rowling]. *Animais fantásticos e onde habitam*. Tradução Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

SKEIKA, Jhony Adelio. “Harry Potter e a sua intertextualidade”. I Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários e IV Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários. Universidade Estadual de Maringá, jun 2010. Disponível em: <[file:///C:/Users/User/Downloads/HARRY_POTTER_EA_SUA_INTERTEXTUALIDADE%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/HARRY_POTTER_EA_SUA_INTERTEXTUALIDADE%20(1).pdf)>. Acesso em: 05 abr 2016.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006. (Coleção Debates)

TWITTER. J. k. Rowling. Perfil público. 21 ago 2015. Disponível em: https://twitter.com/jk_rowling/status/634666937990152192?ref_src=twsrc%5Etfw. Acesso em: maio 2016.